



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
BACHARELADO EM HISTÓRIA

JOSÉ IVSON MARQUES FERREIRA DE LIMA

**“UM COÁGULO DE SANGUE”: AS MASCULINIDADES E A VIOLÊNCIA EM  
CHINGGIS KHAN NO DISCURSO DA *HISTÓRIA SECRETA DOS MONGÓIS***

RECIFE-PE

2024

JOSÉ IVSON MARQUES FERREIRA DE LIMA

**“UM COÁGULO DE SANGUE”: AS MASCULINIDADES E A VIOLENCIA EM  
CHINGGIS KHAN NO DISCURSO DA *HISTÓRIA SECRETA DOS MONGÓIS***

Monografia submetida à banca examinadora, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel do curso de História da Universidade Federal de Pernambuco.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Uchoa Borgongino

RECIFE-PE

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Lima, José Ivson Marques Ferreira de.

"Um coágulo de sangue": as Masculinidades e a Violência em Chinggis Khan no discurso da História Secreta dos Mongóis / José Ivson Marques Ferreira de Lima. - Recife, 2024.

63 : il.

Orientador(a): Bruno Uchoa Borgongino

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, História - Bacharelado, 2024.

Inclui referências.

1. História. 2. História Medieval. 3. História do Império Mongol. I. Borgongino, Bruno Uchoa. (Orientação). II. Título.

950 CDD (22.ed.)

JOSÉ IVSON MARQUES FERREIRA DE LIMA

**“UM COÁGULO DE SANGUE”: AS MASCULINIDADES E A VIOLENCIA EM  
CHINGGIS KHAN NO DISCURSO DA *HISTÓRIA SECRETA DOS MONGÓIS***

Monografia submetida à banca examinadora, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel do curso de História da Universidade Federal de Pernambuco.

Aprovado em: 26/02/2024

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Bruno Uchoa Borgongino (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Renato Pinto (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Me. Bruno Pontes Motta (Examinador Externo)  
Universidade de Lisboa

## A GRADECIMENTOS

A escrita desse trabalho, assim como a minha trajetória ao longo da graduação, foi repleta de altos e baixos. Ao longo dos últimos dez anos, conquistei inúmeras realizações ao mesmo passo que vivi uma série de pesadelos que, embora eu tenha feito só, sem a ajuda de familiares e amigos, jamais teria conseguido. Por reconhecimento, nomeio aqueles que fizeram toda a diferença não somente para minha trajetória acadêmica, mas também da vida.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a minha mãe e irmã, Fernanda e Ivana, que sempre estiveram do meu lado, me dando apoio e que nunca duvidaram de que eu iria chegar até onde cheguei na vida acadêmica. O apoio foi fundamental, e sou grato por tudo o que essas mulheres fizeram por mim ao longo da minha vida.

Fernanda, minha mãe, foi uma mulher que criou os filhos com muito sacrifício e é a principal responsável por todo caráter ético que tenho hoje. É graças a ela que aprendi a ser forte e a lutar por meus objetivos.

Ivana, minha irmã, que foi uma companhia extremamente necessária nos últimos dias e que nunca deixou de confiar no meu potencial. Além disso, ela me deu um presente do qual também sou agradecido, meu sobrinho Pedro Guilherme, que de longe foi o que mais cooperou com os meus estudos (evitava fazer barulho quando eu estava estudando).

Sou grato também à minha família, minhas tias Marly e Luci e o meu tio Flávio, que sempre me apoiaram e que nos ajudaram em momentos críticos. Além disso, sou grato também pela minha prima, Caroline Marques, que sempre foi um exemplo e inspiração para mim e também motivo de orgulho.

Sou grato a Adelmacíria, que não só é a minha melhor amiga desde o ensino fundamental, como também foi aquela que pegou na minha mão em diversos momentos difíceis e que sempre confiou na minha capacidade. Além disso, foi uma companhia essencial quando fiz o Enem em 2019, quando enfrentamos juntos alguns traumas relacionados a nossa vida escolar. Fico feliz por hoje ver que estamos bem e que somos mais do que nossos agressores tentaram colocar na nossa cabeça.

Sou grato a Ivson Batista, do qual a amizade foi essencial e de ser alguém que sempre torceu muito por mim e comemorou comigo cada vitória.

Agradeço a Anderson por ser um amigo incrível e alguém que me ensinou a enfrentar as coisas difíceis da vida com o melhor humor possível.

Sou grato a Athilyane, que me conheceu num período do qual eu nem sonhava faculdade, mas que sempre me apoiou e me deu um suporte incrível quando eu estava inseguro no início do curso.

Agradeço a Thais por ter sido uma ótima amiga e cujo suporte foi essencial para mim no assombroso 2020.3, quando tive muitas dúvidas sobre de fato ter na academia um espaço para mim.

Agradeço também a Júlio, cujas palavras serviram como um incentivo, além de ter sido um ótimo amigo desde o Ensino Médio.

Sou grato a Ivson Viana, por ter sido a primeira pessoa que me auxiliou na Universidade e que, além disso, é um dos meus melhores amigos há quatro anos.

Sou agradecido a Janyne, que sempre me acompanhou ao longo da graduação, sendo tanto uma inspiração quanto também uma amizade da qual sem os conselhos e sem o apoio eu dificilmente teria suportado. Ela também foi a pessoa que mais me ajudou com a revisão deste trabalho, com suas sugestões e comentários.

Sou grato também a Suênia, por ter sido uma ótima amiga e que sempre me ajudou com os seus conselhos. Além disso, é alguém que fico muito feliz por acompanhar o crescimento, pois tivemos nossas crises juntos lá no assombroso 2020.3.

Sou agradecido a Eliabe, do qual o apoio e mensagens de incentivo sempre chegaram em momentos necessários e do qual a amizade e admiração é igualmente recíproco da minha parte. Sou grato também a Maria Eduarda e Beatriz pela amizade e pelo apoio.

Sou grato a Luís Felipe, que é um ótimo amigo e cujo apoio foi muito importante em diversos momentos.

Sou grato a Nickollas, que em um dos momentos mais difíceis que passei na graduação, foi quem me estendeu a mão.

Sou grato a Otto, que é um ótimo amigo e foi também um grande colega de trabalho. Além disso, me auxiliou na elaboração desse TCC desde quando ele ainda era um projeto.

Sou grato à José Rinaldo, que dez anos atrás me deu a oportunidade de estudar no EREM Mardônio Coelho, quando outras escolas me negaram a possibilidade.

Sou grato à Marinilda, minha professora de Português, que sempre acreditou na minha capacidade e cujo incentivo ainda me inspira até os dias de hoje, dez anos depois.

Sou grato também a Ana, que desde o meu período no Mardônio sempre me ajudou e possibilitou que eu pudesse estudar cerca de 10 km de casa.

Sou agradecido a Emeline, minha antiga supervisora, que no ano de 2017 foi não somente uma chefe, mas também uma amiga. Todo o apoio que ela me deu – e a fé no meu trabalho – é algo que jamais irei esquecer.

Sou grato também a Thaís Alves, que foi uma das minhas melhores companhias durante o período do SENAI.

Sou grato a Etiene, por ter sido uma ótima amiga para a minha mãe e por nos ter socorrido em momentos críticos.

Sou grato ao LEOM, laboratório de estudos do qual eu participo, e foi um espaço onde pude amadurecer e de onde fiz ótimos amigos como Erika, Helden, João Vitor, Sílvio e Lael, para citar alguns (tem bem mais).

Sou muito agradecido também aos membros do grupo GESHA, que deram o primeiro passo para que houvesse estudos sobre Ásia na UFPE.

Sou grato a Kerol, que desde o meu segundo período foi minha monitora e em vários momentos deu ajudas incríveis e uma ótima colega de monitoria. Também sou grato a Anna pelo suporte e por ter sido uma colega incrível também.

Sou grato ao Cassiano, por ter sido uma influência enorme e cujo trabalho me motivou a explorar sobre as masculinidades em sociedades asiáticas. Além disso, é um dos meus melhores amigos e uma pessoa que admiro muito.

Sou grato ao professor Renato Pinto, que sempre foi muito solícito e que também confiou muito no meu trabalho. Além disso, foi uma das minhas primeiras e principais influências na academia e é sempre uma honra trabalhar com ele na monitoria de História Antiga, sempre uma oportunidade edificante.

Sou grato à professora Christine por ter sido praticamente uma mãe para mim, não tenho palavras que possam demonstrar o quanto sou agradecido por ter tido a oportunidade de aprender com ela e de trabalhar com ela na monitoria de Introdução à História da China Contemporânea. Um dos momentos mais realizadores da minha graduação.

Sou grato ao professor Bruno Uchoa por ter possibilitado que a minha pesquisa fosse feita na UFPE e também pela confiança que ele tem no meu trabalho.

Enfim, sou realmente agradecido pelo apoio, amizade e influência de diversas pessoas. Não há como escrever sobre todas nesse pequeno espaço, e as que acabei não mencionando por favor não entendam como se eu também não fosse grato. Provavelmente, eu terei muito mais a reconhecer a todos – mencionados ou não – pessoalmente. Mas gostaria de, por fim, agradecer a duas pessoas que infelizmente não

estão comigo e nem acompanharam minha trajetória enquanto historiador: minha avó, Maria Lúcia Marques dos Santos, que desde pequeno me contava sobre a História do Brasil utilizando das músicas e das novelas do período e por ser uma das pessoas que mais me amavam; e ao meu amigo e irmão Jair Júnior, que infelizmente partiu em um momento que eu estava longe de me encontrar na vida, mas que deixou sua marca definitiva em mim na sua amizade e nas coisas que aprendemos juntos.

*“Jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve”<sup>1</sup>.*

(Italo Calvino)

---

<sup>1</sup> CALVINO, Italo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 59.

## RESUMO

Esta monografia tem como objetivo apresentar um estudo acerca da construção das masculinidades dos mongóis e a associação das mesmas com a violência, assim como narrado na *História Secreta dos Mongóis*, um documento sino-mongol do século XIII. Para tanto, este trabalho recorreu às discussões levantadas pela historiografia ao longo das últimas seis décadas sobre os mongóis, que consolidaram – em concordâncias e discordâncias – uma representação histórica da figura do mongol em torno de um estereótipo violento. Portanto, ao fazer uso de conceitos como gênero, masculinidades hegemônicas e violência se objetivou possibilitar uma análise mais completa sobre a relação dos mongóis com a violência. Rompendo com noções essencialistas e simplórias, demonstrando que, muito pelo contrário, as relações sociais e culturais presentes na *Yeke Monggol Ulus* (Grande Nação Mongol) são complexas. Assim, há muito ainda a ser estudado e reavaliado acerca do legado dos mongóis ao mundo. Ao pensar sobre a forma com que a violência pode ser observada enquanto uma forma de expressão de gênero, será apresentada uma contribuição que os estudos mongóis podem fazer aos estudos de gênero e vice-versa.

**Palavras-chave:** História Secreta dos Mongóis; Chinggis Qan; Masculinidades; Violência.

## ABSTRACT

This monograph aims to present a study on the construction of Mongol masculinities and their association with violence, as narrated in the Secret History of the Mongols, a Sino-Mongol document from the 13th century. To this end, this work resorted to discussions raised by historiography over the last six decades about the Mongols, which consolidated – in agreement and disagreement – a historical representation of the Mongol figure around a violent stereotype. Therefore, by making use of concepts such as gender, hegemonic masculinities and violence, the aim was to enable a more complete analysis of the Mongolians' relationship with violence. Breaking with essentialist and simplistic notions, demonstrating that, quite the contrary, the social and cultural relations present in *Yeke Monggol Ulus* (Great Mongol Nation) are complex. Thus, there is still much to be studied and reevaluated about the legacy of the Mongols to the world. By thinking about the way in which violence can be observed as a form of gender expression, a contribution that Mongolian studies can make to gender studies and vice versa will be presented.

**Keywords:** Secret History of the Mongols; Chinggis Khan; Masculinities; Violence.

## NOTAS SOBRE AS TRANSCRIÇÕES

Ao longo deste trabalho, dada a sua temática e de ter como propósito analisar uma fonte sino-mongol, a *História Secreta dos Mongóis*, iremos fazer uso de palavras, nomes e títulos oriundas da língua mongol do século XIII, conhecida como mongol médio. O documento, embora formado por palavras mongóis, teve sua transcrição em caracteres chineses graças ao fato de que os mongóis não possuíam ainda um sistema de escrita consolidado, e de utilizar vários outros como uigur, tibetano e árabe.

Portanto, iremos seguir neste trabalho as transcrições feitas pelos letrados Ming do século XIV ao transcrevemos o original nos capítulos seguintes. Porém, nomes e alguns títulos como “*Qan*” (ou “*Qahan*”) irão seguir de acordo com a forma escrita pelos mongóis e por mongológos atualmente.

Apesar de poucas obras, o Brasil possui algumas formas consolidadas para alguns personagens como “Genghis Khan” ou até mesmo “Gengiscão”. Porém, essa transcrição tem como base aquelas feitas por ingleses e que tiveram por base uma má leitura de palavras persas. Portanto, sendo esse um trabalho de perspectiva decolonial, iremos evitar repetir construções eurocêntricas, e isso inclui as suas más concepções. Assim, faremos uso de “Chinggis Khaan” (leia-se “Tchinguis Cã”).

Para os caracteres chineses, iremos fazer uso apenas do modelo oficial de transcrição elaborado pela República Popular da China (RPC) em 1958, o *hànyǔ pīnyīn* 汉语拼音. Desse modo, as transliterações virão acompanhadas com os seus respectivos caracteres.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1: Mapa do Império Mongol (c. 1260).....	17
Figura 2: Mapa dos povos euroasiáticos .....	21

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	13
<b>2. CAPÍTULO UM: “O SEGREDO DOS MONGÓIS”: ENTRE NARRATIVAS E CONQUISTAS.....</b>	17
2.1. Os mongóis, ou aqueles que conquistaram o mundo a cavalo .....	17
2.2. A História .....	20
2.3. As conquistas do Khan .....	24
<b>3. CAPÍTULO DOIS – ENTRE RELAÇÕES DE GÊNERO E MASCULINIDADE: A ASCENSÃO DE TEMÜJIN A CHINGGIS KHAN .....</b>	27
3.1. Definindo as relações de gênero no mundo mongol.....	27
3.2. “Vidas que são como uma”: <i>anda</i> , um elo entre masculinidades.....	30
3.3. O rapto de Börte Üjin e as alianças de Temüjin .....	34
<b>4. CAPÍTULO TRÊS: DESTRUIÇÃO, VINGANÇA E RETALIAÇÃO: A VIOLÊNCIA NA <i>HISTÓRIA SECRETA DOS MONGÓIS</i> .....</b>	37
4.1. As construções discursivas da violência.....	37
4.2. As associações entre violência e mongóis no discurso historiográfico .....	39
4.3. Violência: um estereótipo, uma forma de legitimação do poder ou uma expressão de gênero?.....	44
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	49
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	53

## 1. INTRODUÇÃO

O século XIII representa para a História Medieval um período de mudanças dramáticas que definiram os rumos que foram tomados nos séculos seguintes. Esta foi uma era dominada por guerras, expansões, dispersões, revoluções e circularidades culturais que foram erguidas em *pax*, em grande parte, graças a um povo que montados em cavalos estabeleceram a ponte que tornou tudo isso possível: os mongóis<sup>2</sup>.

A narrativa histórica formulou uma noção acerca dos mongóis que pode ser sintetizada em apenas uma palavra: horda<sup>3</sup>. Tal palavra evoca uma noção de um bando de guerreiros nômades montados a cavalo que destruíram e dominaram boa parte do mundo eurasiático. Dessa forma, por muito tempo, a Historiografia os considerava bárbaros destruidores, sanguinários e inferiores que surgiram do nada e dominaram as sociedades sedentárias, consideradas superiores<sup>4</sup>.

Porém, como pode ser observado, há uma associação entre ser um mongol e homem com ser violento. A violência é vista então como algo inerente e símbolo do atraso e inferioridade desses povos. No entanto, nos últimos vinte anos surgem obras voltadas para o legado desses povos, que os definem em uma visão mais positiva e que buscaram romper com histórias essencialistas acerca deles<sup>5</sup>.

Entretanto, mesmo com esses estudos e suas ampliações, questões relacionadas a gênero, como masculinidades, não surgem enquanto objeto principal de investigação e análise histórica. Tampouco a violência é analisada de forma mais conceitual e crítica, salvo alguns trabalhos, como o de Tsai<sup>6</sup>.

Dentre as fontes disponíveis para estudar a história mongol, se destaca a *História Secreta dos Mongóis*, uma cópia sino-mongol do século XIV de um documento que teria sido escrito originalmente durante o século XIII e que apresenta um relato de vida<sup>7</sup> sobre

<sup>2</sup> FAVEREAU, Marie. **The Horde**: how the mongols changed the world. Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University, 2021.

<sup>3</sup> STUART, Kevin C. **Mongols in Western/American Consciousness**. Lewiston: Queenston: Lampeter: The Edwin Meller Press, 1997.

<sup>4</sup> PHILIPS, E. D. **Os Mongóis**. Lisboa: Editorial Verbo, 1971; SAUNDERS, J. J. **The History of the Mongol Conquests**. New York: Barnes & Noble, 1971.

<sup>5</sup> AMITAI, Reuven; BIRAN, Michal. **Mongols, Turks, and others**: Eurasian nomads and the sedentary world. Leiden; Boston: Brill, 2005.

<sup>6</sup> TSAI, Wei-chieh. Ethnic Riots and Violence in the Mongol Empire: A Comparative Perspective. *Mongolian Studies*, v. 33, p. 83-107, 2011.

<sup>7</sup> Os historiadores tendem a considerar uma biografia, no entanto, estou de acordo com Bourdieu quando ele analisa os problemas relacionados ao que ele chama de “ilusão biográfica”. A *História Secreta* não é um documento linear que busca apresentar uma narrativa contínua das pretensões do Khan, pelo contrário, a

Temüjin, o homem que mais tarde viria a ser conhecido como o fundador do Império Mongol, Chinggis Khan.

A obra, de autoria anônima, recebe o título de “secreta” graças ao acesso limitado. Somente os membros da linhagem dourada, os herdeiros de Chinggis Khan, e alguns letreados autorizados poderiam ler o seu conteúdo. Em parte, isso era causado pelas informações que o documento apresenta acerca do fundador do Império Mongol. A fonte, apesar de ser centrada em descrever a vida e obras do Khan, também apresenta as sociedades estepanas – que seriam referidas posteriormente como mongóis – a partir de diversas categorias, tais como sociais, culturais e econômicas.

Tal fonte por muito tempo foi considerada por historiadores enquanto inferior ou meramente literária<sup>8</sup>, no entanto, historiadores atualmente consideram uma fonte necessária para os estudos mongóis<sup>9</sup>. Nela, podemos encontrar diversas passagens que nos possibilita compreender as relações de gênero e quais ideais construíam o que significava ser homem ou mulher nessa sociedade.

Para tanto, utilizei dos conceitos de gênero a partir de Joan Scott<sup>10</sup> e Judith Butler<sup>11</sup>, que auxiliam a pensar sobre esta categoria de maneira não-essencializada, pensando acerca das condições sociais e culturais que formam os papéis de gênero. Para conceituar masculinidades, utilizei das proposições dadas por Raewynn Connell e Thomas Messerschmidt<sup>12</sup>, Durval Muniz de Albuquerque<sup>13</sup> e Thomas Scheff<sup>14</sup>, que pensam as masculinidades enquanto uma construção social que parte de uma imposição dentro de

fonte expõe segredos, reprova suas atitudes e até mesmo enumeram derrotas que poderiam pôr um fim nas futuras realizações de Temüjin. Além disso, a narrativa não é centrada somente nele. Ver BORDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina (org). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998. pp. 183-191.

<sup>8</sup> ver WALEY, Arthur. **The Secret History of the Mongols**: And Other Pieces. London: George Allen & Unwin, Ltd., 1963.; OKADA, Hidehiro. The Secret History of the Mongols, a pseudo-historical novel. **アジア・アフリカ言語文化研究 [Journal of Asian and African Studies]**, v. 5, p. 61-67, 1972.

<sup>9</sup> ATWOOD, Christopher. **The Secret History of the Mongols**. London: Penguin Books, 2023.; ALLSEN, Thomas T. **Mongol imperialism**. The policies of the grand qan möngke in China, Russia, and the islamic lands, 1251-1259. Los Angeles; London: University of California Press, 1987, p. 17.

<sup>10</sup> SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Cadernos de História UFPE**, v. 11, n. 11, 2016.

<sup>11</sup> BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003; BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: Limites discursivos do “sexo”. São Paulo: n-1 edições; Crocodilo, 2019.

<sup>12</sup> CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 01, p. 241-282, 2013.

<sup>13</sup> COLLING, Maria Ana; TEDESCHI, Losandro Antonio (orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. Dourado, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

<sup>14</sup> SCHEFF, Thomas J. Hypermasculinity and violence as a social system. **UNIversitas: Journal of Research, Scholarship, and Creative Activity**, v. 2, n. 2, p. 1-10, 2006.

uma sociedade, sendo elas múltiplas variando de tipos e que também possuem uma relação de hegemonia e subalternização entre elas; além desses, também utilize do trabalho de David Gilmore<sup>15</sup>, que pensa acerca das masculinidades não-ocidentais, alertando para o fato de que a análise das mesmas dependem de metodologias diferentes daquelas que são utilizadas no mundo ocidental.

A violência será pensada a partir do conceito de Randall Collins<sup>16</sup>, que considera a mesma enquanto algo circunstancial, ações que indivíduos cometem contra outros, dessa forma, não existindo um indivíduo inherentemente violento, mas que cometem ações violentas, que não podem ser consideradas de forma generalizada. Essa concepção é útil para rompermos com estereótipos que agem, sobretudo, em povos considerados orientais.

Também será utilizada a metodologia proposta por Leandro Rust<sup>17</sup>, que em seu estudo acerca dos vikings a apresenta, a partir de seu estudo sobre a invasão à abadia de Saint Bertin em 860, define as narrativas sobre a violência enquanto algo contado e rememorado que atende aos objetivos de quem a produziu. Dessa forma, as possibilidades para compreender a violência a partir de uma narrativa são variadas, pois uma mesma fonte apresenta diversos olhares sobre um determinado episódio.

Para analisar a documentação, utilize daquela proposta pela Análise de Discurso Francesa, sobretudo os trabalhos de Dominique Mingueneau, que define o discurso como aquilo que é “[...] continuamente construído e reconstruído no interior de práticas sociais determinadas”<sup>18</sup>.

No primeiro capítulo, intitulado “*O segredo dos mongóis*”: *entre narrativas e conquistas*, faço uma apresentação da fonte e do seu conteúdo, as conquistas mongóis, conforme narradas na documentação *História Secreta dos Mongóis*. Dessa forma, busco elencar os temas mais recorrentes acerca dos mongóis nos debates historiográficos.

No segundo capítulo, intitulado *Entre relações de gênero e masculinidades: a ascensão de Temüjin a Chinggis Khan*, faço uma reavaliação da narrativa da *História Secreta dos Mongóis*, destacando os papéis de gênero do mundo das estepes e das relações construídas entre homens e mulheres. Assim, viso compreender a importância que essas

<sup>15</sup> GILMORE, David D. **Manhood in the making**: Cultural concepts of masculinity. Yale University Press, 1990.

<sup>16</sup> COLLINS, Randall. **Violence**: a micro-sociological theory. New Jersey: Princeton University Press, 2008.

<sup>17</sup> RUST, Leandro. **Os vikings**: narrativas da violência na Idade Média. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes, 2021.

<sup>18</sup> MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e Análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 29.

tiveram para o protagonismo de Temüijn enquanto líder, e de como as relações de gênero foram importantes para ele.

No terceiro capítulo, intitulado *Destruição, vingança e retaliação: a violência na História Secreta dos Mongóis* crítico as construções discursivas que permeiam a narrativa histórica acerca dos mongóis na Historiografia, destacando também suas mudanças nos últimos anos e de como podemos analisar a questão da violência dentro da fonte para além de estereótipos danosos dos quais possuem usos políticos nefastos.

Dessa forma, este trabalho tem como propósito levantar uma discussão historiográfica a respeito dos estudos mongóis e propor, a partir de uma análise do discurso sobre gênero no *História Secreta dos Mongóis*, abordando uma nova forma de compreender essa sociedade. Assim, propondo algo de novo para a área em âmbito internacional e nacional, uma vez que há pouca coisa produzida sobre os mongóis no Brasil.

## 2. CAPÍTULO UM: “O SEGREDO DOS MONGÓIS”: ENTRE NARRATIVAS E CONQUISTAS

### 2.1. Os mongóis, ou aqueles que conquistaram o mundo a cavalo

Famosos por suas capacidades e conquistas militares, os mongóis<sup>19</sup> são um povo altaico da Ásia Central que habitavam nas montanhosas estepes asiáticas ao norte da China, residindo no que hoje se localiza na República da Mongólia e da Mongólia Interior, uma região autônoma da República Popular da China (RPC) A primeira menção em fontes escritas que temos sobre esse povo vem da Dinastia Tang da China (618-907), que datam do século X<sup>20</sup>.

**Figura 1: Mapa do Império Mongol (c. 1260)**



Fonte: Encyclopædia Britannica<sup>21</sup>.

<sup>19</sup> As informações a serem apresentadas sobre os mongóis tiveram como base as seguintes obras: MORGAN, David. **The Mongols**. Oxford; Maiden: Blackwell Publishing, 2007; ROSSABI, Morris. **The Mongols. A Very Short Introduction**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2012; MAY, Timothy. **The Mongol Conquests in World History**. London: Reaktion Books, 2012; ESPADA, Antonio García. **El Imperio Mongol**. Madrid: Editorial Síntesis, 2017 FAVEREAU, Marie. **The Horde: how the mongols changed the world**. Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University, 2021.

<sup>20</sup> MORGAN, *Ibidem*, p. 50; SAUNDERS, J. J. **The History of the Mongol Conquests**. New York: Barnes & Noble, 1971, nota 2 do capítulo 4, p. 210.

<sup>21</sup> Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Mongol-empire#/media/1/389325/2510>. Acesso em: 10 de nov. de 2025.

As sociedades mongóis<sup>22</sup> geralmente são descritas por historiadores em termos como um povo “nômade”, compostas por “tribos” que dependiam das relações sanguíneas e até mesmo “bárbaros, pagãos e aculturados”. Estes termos são inadequados para explicar sobre a complexa organização social das sociedades das estepes.

Como explica o antropólogo David Sneath, estas “noções da era colonial de ‘tribalismo’ distorceram poderosamente as representações das sociedades das estepes e seu passado”<sup>23</sup>. Em seu já clássico livro, *The Headless State*, buscou desconstruir algumas concepções estereotipadas e inadequadas que permeiam os estudos mongóis. Ele defende que a vida nas estepes era regida por um “poder aristocrático e processos administrativos semelhantes aos do estado”<sup>24</sup> sendo “o estado sem cabeça” uma “configuração semelhante ao poder estatal formado por relações horizontais entre os detentores do poder, ao invés de [algo] resultante das suas subordinações mútuas a um centro político”<sup>25</sup>.

Embora o conceito de tribo venha sendo criticado por sua carga negativa e essencialista, ainda há quem defenda e até mesmo justifique seu uso. Esse é o caso da historiadora Isenbike Togan, que associa os termos chineses *xìng* 姓, *bù* 部 e *bùluò* 部落 à ideia de “tribo”<sup>26</sup>. No entanto, é válido destacar que esses conceitos – para além do debate acerca de tradução – são próprios da sociedade chinesa.

<sup>22</sup> Utilizo “sociedades mongóis” no plural pois a maior parte desse trabalho analisa o período pré-imperial das sociedades estepanas, essas que na documentação aparecem tanto com suas denominações (jadarans e kereitas, por exemplo) quanto sob o etnônimo de “mongóis” (por exemplo, há um diálogo entre Jamukha e Toghril no qual o primeiro se refere a ambos enquanto “mongóis”). cf.: *História Secreta dos Mongóis*, § 108; acerca das identidades dos povos das estepes e o uso que foi feito do gentílico “mongol” na *História Secreta dos Mongóis*, ver POW, Stephen. “nationes que se Tartaros appellant”: an Exploration of the historical problem of the usage of the ethnonyms Tatar and Mongol in medieval sources. *Золотоордынское обозрение*, n. 3, p. 545-567, 2019.

<sup>23</sup> “colonial-era notions of tribalism had powerfully distorted representations of steppe societies and their past”. SNEATH, David. **The headless state**: aristocratic orders, kinship society, and misrepresentations of nomadic Inner Asia. New York: Columbia University Press, 2007, p. 1. Tradução nossa.

<sup>24</sup> Tendo como base autores como Hobbes, Locke, Rousseau, Gramsci e Foucault, o antropólogo considera o Estado enquanto fruto de uma relação social, desta forma, ele insere os povos das estepes em ligação com os seus vizinhos sedentários, rompendo com a dicotomia nômade-sedentário. *Ibidem*.

<sup>25</sup> Do original, “a configuration of statelike power formed by the horizontal relations between power holders, rather than as a result of their mutual subordination to a political center”. *Ibidem*, p. 2. Tradução nossa.

<sup>26</sup> São respectivamente traduzidos pela historiadora como “clã”, “tribo” e “segmentos da tribo ou grupos retentores”, Togan *apud* MAY, Timothy; HOPE, Michael (ed.). **The Mongol World**. London; New York: Routledge, 2022., p. 34-35. Consultando um dicionário de chinês clássico, podemos encontrar outras traduções para esses termos como “descendência”, “divisão” e “acampamento” (daqueles considerados “bárbaros” pelos chineses), cf.: KROLL, Paul W. **A Student’s Dictionary of Classical and Medieval Chinese**. Leiden; Boston: Brill, 2015, p. 30; 291; 510.

Neste trabalho, apesar de analisar o documento em perspectiva conectada com a China, considero os mongóis a partir de suas próprias categorias, ou seja, daquelas que são encontradas na documentação. Assim, na intenção de evitar reproduzir estereótipos e de escrever sobre os mongóis à luz de suas próprias categorias, faço uso do termo *ulus*. A palavra mongol *ulus* se refere uma unidade administrativa que geralmente é traduzida como “nação” ou “povo”, tratando-se de um termo que serve para se referir tanto à população quanto ao território<sup>27</sup>.

Essa unidade era administrada por um líder que reunia diversos povos sob sua bandeira. Também cuidava da distribuição e do melhor uso de pessoas e terras, que eram importantes para atividades pastoreiras, pois providenciavam os animais para transporte, montaria, alimentação, comércio e fins militares<sup>28</sup>. Dessa forma, o líder, que recebia a *ulus* de forma hereditária, dividia todo o recurso para o bem-estar do clã.

Portanto, o modelo de “pastoralismo móvel” apresentado por David Sneath e por Christopher Atwood<sup>29</sup>, pois se torna o mais adequado tanto por abranger o ciclo de migração e treinamento militar dos povos das estepes, quanto por enfatizar sobre as práticas de produção agricultora e artesanal que os mongóis desenvolviam para a sobrevivência nas planícies<sup>30</sup>.

Por muito tempo a historiografia creditou o sucesso de um líder ao seu carisma<sup>31</sup>. No entanto, essa noção de “líder carismático” é problemática pois reduz os mongóis a fanáticos e ignora as diversas habilidades que Temüjin teve que desenvolver para ser considerado, de fato, um líder e khan<sup>32</sup>. Como mencionado anteriormente, o sucesso de determinado líder estava na sua capacidade de se destacar enquanto um guerreiro e garantir a prosperidade de toda *ulus*, isto é, do povo.

<sup>27</sup> cf.: BUELL, Paul D. **Historical Dictionary of the Mongol World Empire**. Maryland: The Scarecrow Press, 2003, p. 279; ATWOOD, Christopher P. **Encyclopedia of Mongolia and the Mongol Empire**. New York: Facts on File, 2004.; MAY, Timothy (ed.). **The Mongol Empire: a historical encyclopedia**. volume 1. California: ABC-CLIO, 2017, 106-108.

<sup>28</sup> cf.: ROSSABI, op. cit.

<sup>29</sup> ATWOOD, Christopher P. Imperial itinerance and mobile pastoralism: The state and mobility in medieval inner Asia. **Inner Asia**, v. 17, n. 2, p. 293-349, 2015, p. 293-349.

<sup>30</sup> Sneath, op. cit., p. 4; 20.

<sup>31</sup> Essa noção de liderança carismática recebe influência dos trabalhos de Max Weber. Segundo o sociólogo, o carisma tem como definição “[uma forma de] autoridade que se funda em dons pessoais e extraordinários de um indivíduo”. WEBER, Max. A Política como vocação. In: **Ciência e Política**: duas vocações. 20ª edição. Tradução de Leonidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 2013, p. 56. cf: Weber, 2013, p. 55-124; WEBER, Max. **Ensaios de Sociologia**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1982. p. 283-291; 302-305.

<sup>32</sup> cf.: Favereau, *op. cit.*

Os mongóis possuem na figura do Chinggis Khan, uma figura fundadora. Como será discutido no *capítulo 2*, a ascensão de Temüjin ocorre durante um período de uma agitação social que foi agravada após a morte do Ambaqa Khan e o vácuo que foi deixado no poder<sup>33</sup>. Sem uma figura central, os povos das estepes como os borjinguídas, kereítas, jadarans e naimans disputaram pelo poder por décadas.

Chinggis Khan, então, organizou em sua bandeira a *ulus* e os atribuiu uma nova identidade: mongóis. Mais do que isso, segundo o discurso presente na narrativa da *História Secreta dos Mongóis*, ele transformou as sociedades das estepes de modo que fosse garantido a prosperidade, ordem e a estabilidade. Como resultado, não há como discutir a história dos mongóis do século XIII sem compreender o papel que Temüjin desempenhou com a fundação da *Yeke Mongqol Ulus*, o Império Mongol.

## 2.2. A História

Na Idade Média, graças às conquistas mongóis e às alianças que possibilitaram a sua ascensão política, Chinggis Khan se tornou objeto de diversas narrativas chinesas e persas sobre a sua vida, em que se destacam os trabalhos de Jujayni, Rashid al-Dhin e Song Lian<sup>34</sup>. Logo, são predominantes sobre os mongóis um olhar feito por aqueles que foram derrotados, ou que venceram os mongóis, constituindo na maioria dos casos um Outro de diversos tipos de discursos.

A *História Secreta dos Mongóis* documento sino-mongol<sup>35</sup> narra sobre como Temüjin Borjigin se tornou Chinggis Khan, unificou os povos das estepes e fundou o Império Mongol (como os borjinguins, tátaros, taychiudes jadarans, mérkitas e naimans). A datação e autoria da obra é objeto de discussões entre os historiadores<sup>36</sup>. O que a documentação nos informa é que esta teve a sua escrita concluída no ano do Rato<sup>37</sup>. A

<sup>33</sup> *História Secreta dos Mongóis*, § 58.

<sup>34</sup> Cito aqui as obras disponíveis em suas traduções em línguas ocidentais, como a inglesa e o alemão. ver JUVAINI. **The History of the World Conqueror**, volume 1. Tradução de John Andrew Boyle. Cambridge; Massachussetts: Harvard University Press, 1958; FAZLULLAH, Rashiduddin. **Jami'u't-tawarikh: Compendium of Chronicles. A History of the Mongols, Part One**. Tradução de W. M. Thackston. Harvard: Harvard University, 1998; Song *apud* KRAUSE, F. E. A.; SCHLIMMER, Norman. **Činggis Qan – Seine Biografie aus der chinesischen Reichs-Chronik Yuan Shi**. [s.l.], 2022.

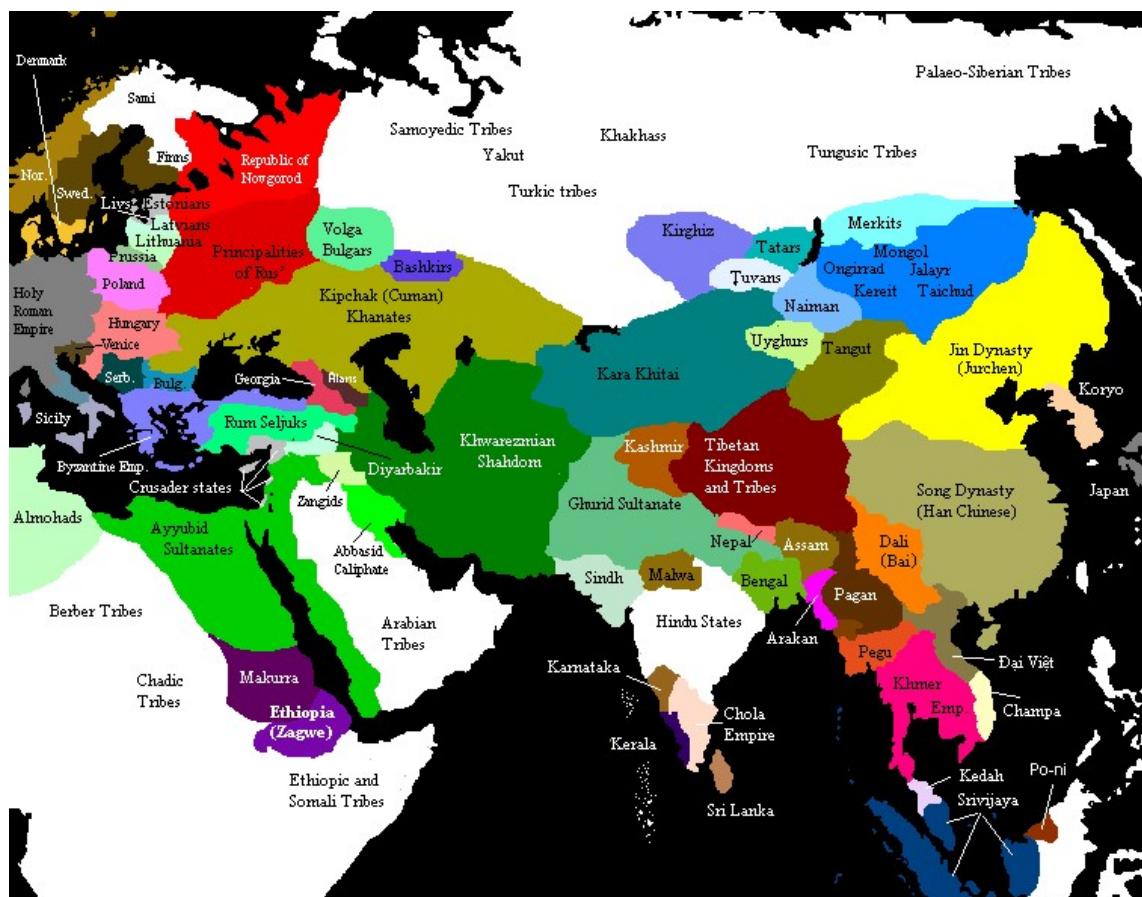
<sup>35</sup> Sino-mongol pois emprega os caracteres chineses como fonemas para formar palavras mongóis.

<sup>36</sup> DE RACHEWILTZ, Igor. Some Remarks on the Dating of the Secret History of the Mongols. **Monumenta Serica**, v. 24, n. 1, p. 185-206, 1965; ATWOOD, Christopher P. The date of the 'Secret History of the Mongols' reconsidered. **Journal of Song-Yuan Studies**, n. 37, p. 1-48, 2007.

<sup>37</sup> *História Secreta dos Mongóis* §282.

fonte era dirigida aos membros da linhagem dourada, os descendentes de Chinggis Khan. Portanto, expõe uma série de informações confidenciais como o medo que Temüjin tinha de cachorros<sup>38</sup>, o fraticídio de seu irmão, Bekter<sup>39</sup> e o fato de que o Khan não era o pai biológico do seu primeiro filho, Jochi<sup>40</sup>.

**Figura 2: Mapa dos povos euroasiáticos**



Fonte: Wikimedia<sup>41</sup>.

Dentre os temas centrais, a *História Secreta dos Mongóis* é enfoca sobre a construção e legitimação do poder de Chinggis Khan e de seus descendentes, como Ogodei Khaan<sup>42</sup>, que por sua vez tem seus conflitos narrados de formas que buscam

<sup>38</sup> *História Secreta dos Mongóis* §66.

<sup>39</sup> *História Secreta dos Mongóis* §77.

<sup>40</sup> “Jochi” significa “convidado”, esse suposto fato foi inclusive utilizado pelo seu irmão Chagatai para que ele não sucedesse seu pai como o novo Khan. ver *História Secreta dos Mongóis* §254-255.

<sup>41</sup> Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Premongol.png>. Acesso em: 10 de nov. de 2025.

<sup>42</sup> “Khaan” significa “khan dos khans”. A fonte utiliza esse mesmo título para se referir ao Chinggis Khan, porém, como explica o historiador Igor de Rachewiltz, esse termo foi somente utilizado a partir do segundo Khan do Império Mongol, Ogodei. DE RACHEWILTZ, Igor. **The Secret History of the Mongols. A Mongolian Epic Chronicle of the Thirteenth Century.** Leiden; Boston: Brill, 2004.

consolidar uma identidade mongol. Também fazem parte do documento narrar sobre a estabilidade do Império Mongol<sup>43</sup> e a sucessão do Khan, algo que seria um problema em todas as sucessões até que o Império se fragmentasse com uma Guerra Civil que durou 4 anos e encerrou com Khubilai Khaan, em 1264<sup>44</sup>.

Khubilai Khaan foi também o fundador de uma dinastia chinesa, a dinastia Yuan (1279-1368). Segundo o historiador Ge Zhaoguang, foi nesse período que a China fez parte de algo ainda maior do que a própria concepção de “Império do Meio”<sup>45</sup>. A dinastia Yuan é alvo de muitas discussões entre historiadores<sup>46</sup>, mediante a sua legitimidade e seus impactos para a sociedade chinesa<sup>47</sup>. Porém, nos últimos anos é dominante a interpretação de pensar a dinastia mais enquanto uma continuidade do que uma ruptura<sup>48</sup>, ou até mesmo um atraso<sup>49</sup>.

<sup>43</sup> O capítulo 9 do *História Secreta dos Mongóis* é centrado apenas em narrar acerca dos éditos de Chinggis Khan, da reorganização social das estepes, de nomeação de líderes e dos desafios ligados a povos que se rebelaram contra o poder de Temüjin. cf.: *História Secreta dos Mongóis* §209-229.

<sup>44</sup> Desde a tentativa de Chinggis Khan de nomear Jochi como seu sucessor, que a indicação de um novo Khan é acompanhada de querelas internas e crises familiares. Apesar disso, Ogodei, seu sucessor, assumiu o cargo de Khan (posteriormente, Kahan) sem resistências. Essas disputas chegaram a um ápice quando irrompeu uma briga entre dois toluidas, Ariq-Bóke e Khubilai, que causou uma guerra civil entre os mongóis e fragmentou o Império após a morte de Khubilai. ver SAUNDERS, J. J. **The History of the Mongol Conquests**. New York: Barnes & Noble, 1971, p. 120; MAY, Timothy. **The Mongol Conquests in World History**. London: Reaktion Books, 2012, p. 60; FAVEREAU, *op. cit.*, p. 159.

<sup>45</sup> “Especialmente válido observar que esse período dinástico descreve um grupo que possui uma hegemonia política sob a Terra dos Han, fazendo dela apenas uma parte do Grande Império Mongol” (do original, “Especially worth noting is that this dynastic period describes a group that holds political hegemony over the lands of the Han, making it just one part of the Great Mongol Empire”). GE, Zhaoguang. **Here in ‘China’ I dwell: Reconstructing historical discourses of China for our time**. Leiden: Brill, 2017., p. 17, tradução minha. O Império do Meio era como os chineses compreendiam o seu reino, que denota uma centralidade não apenas espacial, mas também filosófica. Cf.: CHENG, Anne. **História do Pensamento Chinês**. Tradução de Gentil Avelino Titton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 39-41.

<sup>46</sup> TWITCHETT, Denis; FRANKE, Herbert. (Ed.) **The Cambridge History of China, volume 6**. Alien regimes and border states, 907-1368. New York: Cambridge University Press, 1994; GERNET, Jacques. **Daily Life in China on the Eve of the Mongol Invasion**, 1250-1276. Tradução de H. M. Wright. Stanford; California: Stanford University Press, 1962; FAIRBANK, John King; GOLDMAN, Merle. **China: uma nova história**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2006; BROOK, Timothy et al. **The troubled empire: China in the Yuan and Ming dynasties**. Harvard University Press, 2010.

<sup>47</sup> Kim Hodong possui um artigo no qual ele discorre sobre os mecanismos que foram utilizados pelos mongóis para tornar a sua dinastia legítima para os chineses e de se inserir nessa tradição dinástica e histórica. cf.: KIM, Hodong. Was 'Da Yuan' a Chinese Dynasty?. **Journal of Song-Yuan Studies**, v. 45, p. 279-305, 2015.

<sup>48</sup> Como afirma Timothy Brook, “[o Imperador] Yongle olhou para Khubilai em busca de seus modelos” (do original, “Yongle looked to Khubilai for his models”). BROOK, *op. cit.*, p. 93. Tradução minha. Essa relação que o historiador apresenta é interessante pois, através dela, ele chama atenção para uma das conclusões de sua pesquisa: a Dinastia Ming é bem mais uma continuidade dos Yuan do que uma ruptura.

<sup>49</sup> Como afirma David Morgan, “mas não se deve distrair de admiração pelos feitos posteriores de Qubilai na China [...] de reconhecer que as conquistas mongóis foram um desastre em uma grande e inigualável escala” (do original, “but one should not be distracted by admiration for the later achievements of Qubilai in China, from recognising that the Mongol conquests were a disaster on a grand and unparalleled scale”). MORGAN, *op. cit.*, p. 64. Tradução minha, grifos meus.

Entre os estudos mongóis, há historiadores como Timothy May<sup>50</sup> e Marie Favereau<sup>51</sup> destacam que – mesmo com a fragmentação do Império, ocorrida após a guerra civil entre Ariq Boke e Qubilai Khaan<sup>52</sup> nos anos de 1260 a 1264 – a dinastia Yuan ocupou uma posição central entre os demais khanatos<sup>53</sup>, até mesmo após a morte de seu fundador em 1298.

A relação entre mongóis e chineses está intrínseca na narrativa da *História Secreta dos Mongóis*, pois os chineses Jin desempenharam um papel fundamental, seja como aliados ou como inimigos, na formação do Império Mongol. A narrativa omite ou limita informações a respeito do quanto impactante foi a atuação da dinastia Jin (1115-1234), que manipulava as lideranças tárteras através de parcerias que visavam a descentralização de um poder na estepe após a morte de Ambaqa Khan<sup>54</sup>; e, posteriormente, até mesmo para a própria ascensão do Chinggis Khan. Afinal, após ser derrotado por seu *anda* Jamuqa em 1187 na Batalha de *Dalam Baljut*, Temüjin se refugiou na China Jin<sup>55</sup>. Esse fato demonstra que a explicação weberiana não serve para compreender a liderança de Chinggis Khan sobre os povos das estepes, pois não houve vitória em batalhas ou heroísmo necessários para o carisma<sup>56</sup>.

Os copistas da dinastia Ming (1368-1644) foram cruciais para o acesso ao documento, pois o original foi destruído durante a fuga dos Yuan com a investida do exército de Zhu Yuanzhang (Imperador Hongwu 洪武帝 [r. 1368-1398], fundador da

<sup>50</sup> Para o historiador Timothy May, a centralidade da Dinastia Yuan sob os demais khanatos é tanta que “a história da Mongólia após a dissolução do Império Mongol é realmente a história da Dinastia Yuan” (do original, “*the history of Mongolia after the dissolution of the Mongol Empire is really the history of the Yuan Dynasty*”). MAY, Timothy. **The Mongol Conquests in World History**. London: Reaktion Books, 2012, p. 59. Tradução minha.

<sup>51</sup> FAVEREAU, *op. cit.*

<sup>52</sup> Conforme já discutido, as sucessões mongóis sempre foram alvo de querelas internas. Até que houvesse uma *khuriltai* (assembleia) entre todos os mongóis, havia severas disputas entre os candidatos às principais posições políticas da sociedade mongol. cf.: ROSSABI, *op. cit.*; PHILIPS, E. D. **Os Mongóis**. Lisboa: Editorial Verbo, 1971.

<sup>53</sup> Antes de morrer, Chinggis dividiu sua *ulus* entre três de seus filhos (Jochi, Ogodei e Chagadai) com Börte, sua primeira esposa. Ao todo, houve quatro: a Horda Dourada (Batu Khan, filho de Jochi), khanato de Chagatai, a China Yuan (que era encarregada por administração ogodeída, mas perdeu para os toluídas) e o ilkhanato (sub-khanato) da Pérsia; que foi fundada por Hulegu Khan em terras do Oeste (que pertenciam aos Jochídias), durante o governo do toluída Mongke Khan. cf.: FAVEREAU, *op. cit.*

<sup>54</sup> A essa manipulação o historiador J. J. Saunders atribui como um distintivo civilizacional. Cf.: SAUNDERS, *op. cit.*

<sup>55</sup> *História Secreta dos Mongóis* §130. A omissão dos anos que Temüjin entre os Jin é discutida pelo historiador Timothy May, segundo ele, há um silêncio intencional feito pelos autores sobre esse período que Temüjin se refugiou na China do Norte. MAY apud MAY, Timothy; HOPE, Michael (ed.). **The Mongol World**. London; New York: Routledge, 2022, p. 57.

<sup>56</sup> Parafraseando Weber, o poder carismático se dá e se legitima através da força. cf.: WEBER, Max. **Ensaios de Sociologia**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1982. p. 288-289; 307.

Dinastia Ming). Destacou-se a iniciativa do Imperador Yongle 永樂 (r. 1402-1424) de elaboração de uma imensa enciclopédia, a “Grande Enciclopédia de Yǒnglè”, a *Yǒnglè Dàdiǎn* 永樂大典, na qual contou com os capítulos da *História Secreta dos Mongóis*, em sua versão sino-mongo<sup>57</sup>. Assim, possibilitou o acesso à documentação pelos letrados chineses<sup>58</sup>.

Nesse sentido, a *História Secreta dos Mongóis* também é resultado daqueles de quem a fonte procura conservar uma memória e uma identidade: os mongóis. Suas edições, reminiscências e manuscritos são resultado de um mundo conectado no qual mongóis – através das conquistas e das trocas comerciais – foram agentes de mudanças e conexões.

### 2.3. As conquistas do Khan

Um dos temas mais constantes tanto na documentação como na historiografia acerca dos mongóis é sobre as conquistas. Afinal, intrigam os historiadores como foi possível um exército que possuía um pouco mais que 100 mil soldados<sup>59</sup> foram capazes de conquistar e integrar parte do mundo medieval em poucas décadas<sup>60</sup>.

No *História Secreta dos Mongóis*, são narrados nos capítulos 1 a 10 os embates que resultaram na anexação dos demais povos altaicos sob a bandeira de Temüjin. Já os capítulos 11 e 12, considerados pelo historiador Igor de Rachewiltz como suplementares<sup>61</sup>, narram as conquistas tardias de Chinggis Khan: o Império Xia Ocidental (Xixia), Corásmia e a China Jin.

As explicações dadas pelos historiadores variam, como vimos, mas o fator liderança é um dos que se destacam nas argumentações. No entanto, é necessário levarmos em consideração um fator que muitas vezes é ignorado e que permeia a documentação como um todo: o discurso da *História Secreta dos Mongóis*.

<sup>57</sup> Há historiadores que afirmam que a versão original foi escrita pelos uigures. Cf.: ONON, Urgunge. **The Secret History of the Mongols**. The Life and Times of Chinggis Khan. London; New York: RoutledgeCurzon Press, 2001.

<sup>58</sup> Ver: HUNG, William. The transmission of the book known as The Secret History of the Mongols. **Harvard Journal of Asiatic Studies**, v. 14, n. 3/4, 1951, p. 433-4; HALLIDAY, M. A. K. **The Language of the ‘Secret History of the Mongols’**. Oxford: Blackwell, 1959., p. 2.

<sup>59</sup> Cf. *História Secreta dos Mongóis*, C.9.

<sup>60</sup> A maior extensão do Império, fundado em 1206, ocorreu por volta de 1279.

<sup>61</sup> Ver DE RACHEWILTZ, Igor. **The Secret History of the Mongols**. A Mongolian Epic Chronicle of the Thirteenth Century. Leiden; Boston: Brill, 2004.

A análise de discurso francesa (AD), da qual utilizei no meu trabalho, possui como objetivo avaliar não apenas o texto enquanto corpo linguístico, mas também as condições sociais e históricas que estão inseridas em um determinado texto. Portanto, observa-se num determinado texto, a construção do discurso, isto é, o conjunto de falas que são construídas visando um objetivo, e que criam um “eu” e “outros”<sup>62</sup>. Apesar de não ser um filósofo da análise de discurso, a definição de Michel Foucault é bastante útil, pois ele afirma que

O discurso, assim entendido, não é uma forma ideal e intemporal que teria, além do mais, uma história; o problema não consiste em saber como e por que ele pôde emergir e tomar corpo num determinado ponto do tempo; é, de parte a parte, histórico - fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplicidades do tempo<sup>63</sup>.

Dessa forma, o discurso pode ser compreendido como algo que não é unitário, que surge a partir de diversas condições sociais, culturais e históricas, sendo ele mesmo uma construção social<sup>64</sup>, se inserindo em disputa com outros discursos que também são formados<sup>65</sup>. Sendo assim, a Análise de Discurso possibilita a compreensão não só desses enunciados construídos, mas também em quais circunstâncias ele é produzido.

Na *História Secreta dos Mongóis*, um dos principais discursos é a noção do “favorecimento do Tengri [Céu]”<sup>66</sup>, onde é afirmado que tudo o que os mongóis conquistaram foi possível por eles serem agentes da vontade da divindade<sup>67</sup>. Ao contrário do que afirma a fonte, essa noção é posterior a Chinggis Khan. Inclusive, era recorrente nas campanhas de khans que os sucederam, como Güyük Khaan (r. 1246-1248) e Mônge

<sup>62</sup> GREGOLIN, Maria R. V. A análise do discurso: conceitos e aplicações. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 39, 1995, p.13-21, 1995.

<sup>63</sup> FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 133.

<sup>64</sup> MARINHO, Iara Fernanda. ANÁLISE DO DISCURSO FRANCES: ALGUNS CONCEITOS FUNDAMENTAIS. **COLINEARES**, v. 6, n. 1, p. 35–45, 2019.

<sup>65</sup> BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

<sup>66</sup> *Yeke Köke Tenggri* (Grande Céu Azul) é a principal divindade dos mongóis adeptos a religião xamânica Tengrismo, que valorizam por uma maior conexão com as montanhas e os rios. A noção de “favorecimento do Céu” acompanha toda a *História Secreta dos Mongóis*.

<sup>67</sup> Não faltam passagens para descrever sobre o quanto Tenggri protegia Chinggis Khan como, por exemplo a de quando ele foi mortalmente ferido no pescoço em combate contra uma coligação que havia nomeado Jamukha líder (Gür Kha, título túrquico) e salvo por Jebe. *História Secreta dos Mongóis* §141-145.

Khaan (r. 1251-1259), que em cartas enviadas ao Papa através de missionários afirmam conquistar tudo pois servem à “vontade de Deus”<sup>68</sup>.

Essa noção de “flagelos de Deus” também é reafirmada por alguns historiadores e antropólogos<sup>69</sup>, que elaboram narrativas de ascensão e queda. Segundo estes, os mongóis se expandiram acumulando vitórias e foi somente com a derrotas como as que o Ilkhanato da Pérsia sofreu contra os Mamelucos que o Império Mongol foi se desfazendo em um mundo sedentário que os abominava e apenas toleravam a sua administração<sup>70</sup>.

Essas narrativas teleológicas que, ao tratar das conquistas de outras sociedades, não se atentam ao fato de que as vitórias eram descontínuas. Sendo, inclusive, um dos episódios mais importantes para legitimar a liderança de Temüjin foi o já citado episódio da batalha de Dalan Baljut, em 1187<sup>71</sup>.

Portanto, no caso de Chinggis Khan, a questão não gira em torno de suas vitórias sequenciais. Evidentemente, a força militar e as vitórias também foram importantes. No entanto, por muitas vezes foi ignorada a capacidade de Temüjin em estabelecer boas alianças com importantes homens e mulheres – através do matrimônio<sup>72</sup>, por exemplo – e de estabelecer princípios de governabilidade que tiveram apelo para aqueles que se submetiam ao Khan.

Um outro elemento que por muito tempo foi ignorado pela historiografia<sup>73</sup> – apesar de ser extremamente recorrente na documentação – são as relações de gênero na sociedade mongol. Além de possuir suas particularidades, também foi muito importante para a ascensão política de Temüjin, bem como para o seu Império<sup>74</sup>.

<sup>68</sup> Há reproduções desses diálogos de Carpini com Huyuk e Rubruck com Mongke em português na obra de Philips. f.: PHILIPS, *op. cit.*, p. 93; 102-103. Para as obras de Carpini e Rubruck traduzidas (disponíveis apenas em inglês), ver CARPINE, Giovanni da Pian del. **The story of the Mongols whom we call the Tatars**. Tradução de Erik Hildinger. Boston: Branden Publishing Company, 1996.; RUBRUCK, Friar William. **The Miission of Friar William of Rubruck: His journey to the court of the Great Khan Möngke**, 1253-1255. Tradução de Peter Jackson. London: The Hakluyt Society, 1990.

<sup>69</sup> PHILIPS, *op. cit.*; SAUNDERS, *op. cit.*; WEATHERFORD, J. McIver. **Gengis Khan e a formação do mundo moderno**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

<sup>70</sup> Quanto às relações entre a Horda Dourada e os Mamelucos egípcios, ver FAVEREAU, *op. cit.*, p. 138-140.

<sup>71</sup> *História Secreta dos Mongóis* §130.

<sup>72</sup> No capítulo seguinte iremos discorrer mais acerca do matrimônio e sua importância para a ascensão política de Temüjin no mundo das estepes.

<sup>73</sup> Sobretudo se analisarmos as produções mais famosas em termos de analisar as conquistas militares dos mongóis, como as de J. J. Saunders e do David Morgan, que são consideradas leituras essenciais e introdutórias para o tema.

<sup>74</sup> ver DE NICOLA, Bruno. **Women in Mongol Iran**: The Kahtuns, 1206-1335. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2017; BROADBRIDGE, Anne F. **Women and the Making of the Mongol Empire**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018; WEATHERFORD, Jack. **The secret history of the Mongol queens**: How the daughters of Genghis Khan rescued his empire. New York: Crown, 2010.

### 3. CAPÍTULO DOIS – ENTRE RELAÇÕES DE GÊNERO E MASCULINIDADE: A ASCENSÃO DE TEMÜJIN A CHINGGIS KHAN

#### 3.1. Definindo as relações de gênero no mundo mongol

Apesar dos Estudos de Gênero estarem em ampliação desde os anos 1980, as relações de gênero entre as sociedades das estepes são uma temática que raramente foi discutida por historiadores, mesmo na atualidade. Nessa mesma década, é publicado o livro *The Mongols*, do historiador estadunidense David Morgan que, dentre as diversas contribuições feitas na área, chama atenção acerca da necessidade de ampliar os estudos sobre os mongóis a partir de uma perspectiva com ênfase no cultural<sup>75</sup>.

Os estudos culturais contribuíram para pensar o Império Mongol a partir de outros olhares que não fossem apenas os de guerras, invasões, conquistas e choques culturais<sup>76</sup>. Assim, abriu espaço para análises das interações culturais e econômicas, abordagem que tem na obra de Thomas Allsen, o seu primeiro passo<sup>77</sup>. Como explica Allsen em um de seus livros,

Para um entendimento completo do lugar dos nômades nas trocas transcontinentais, nós devemos olhar mais profundamente para as políticas culturais e normas sociais dos nômades nas quais funcionaram como filtros iniciais no complexo processo de ordenação e seleção dos itens e ideias que passavam entre o Leste e o Oeste.<sup>78</sup>

Portanto, analisar a história mongol pelo viés cultural tem sua importância dado o potencial de produzir explicações renovadas acerca dos mongóis e do impacto e legado

<sup>75</sup> MORGAN, David. **The Mongols**. Oxford; Maiden: Blackwell Publishing, 2007, p. 181.

<sup>76</sup> Muito presentes em obras que ainda costumam ser introdutórias para os estudos mongóis, como os livros de Saunders e David Morgan. Cf.: SAUNDERS, J. J. **The History of the Mongol Conquests**. New York: Barnes & Noble, 1971.; MORGAN, *op. cit.*

<sup>77</sup> Assim explica a historiadora Michal Biran, em uma reavaliação sobre a historiografia mongol. Cf.: BIRAN, Michal. The Mongol Empire in World History: The State of the Field. **History Compass**, v. 11, n. 11, 2013, p. 1027.

<sup>78</sup> Do original, “*for a fuller understanding of the place of the nomads in transcontinental exchanges we must look more deeply at the nomads’ political culture and social norms which functioned as initial filters in the complex process of sorting and selecting the goods and ideas that passed between East and West*”. ALLSEN, Thomas T. **Culture and Conquest in Mongol Eurasia**. Ewig: Cambridge University, 2001., p. 5. Tradução minha.

que os mongóis deixaram ao mundo, algo que vem sendo muito discutido nos últimos 40 anos<sup>79</sup>.

Porém, dentre a variedade de temas que os estudos culturais nos possibilitam, as relações de gênero não receberam a devida atenção, o que é intrigante. Afinal, como já mencionado, foi já na década de 1980 que o campo de estudos sobre os mongóis recebeu uma maior ampliação, mesmo período em que os estudos de gênero estavam sendo mais discutidos e ampliados. Porém, os temas estudados pelos historiadores mongólogos não variavam para além da habitual historiografia das guerras, leis e economia<sup>80</sup>.

Sobretudo, não discutir acerca destas relações é desperdiçar uma boa parte daquilo que o discurso presente na *História Secreta dos Mongóis* nos apresenta. Uma vez que, como poderá ficar evidente ao final deste trabalho, as relações estabelecidas entre homens e mulheres foram centrais para a construção e consolidação do império fundado por Temüjin.

Então, dada a necessidade de analisar a sociedade mongol a partir de suas relações sociais e culturais, a categoria de gênero torna-se um importante aparato teórico para observarmos as relações que são estabelecidas entre homens e mulheres a partir da *História Secreta dos Mongóis*.

Segundo a historiadora estadunidense Joan Scott, gênero se trata de uma “categoria analítica” que auxilia o historiador a pensar a respeito de algumas questões sobre “como é que gênero funciona nas relações humanas? Como é que gênero dá sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico?”<sup>81</sup>.

Mas afinal, o que é gênero? Em seu clássico artigo<sup>82</sup> *Gender: An Useful Category of Historical Analysis*, a autora oferece duas definições que se complementam, sendo esta

<sup>79</sup> Para compreender o legado dos mongóis a partir de uma abordagem mais cultural, ver KOMAROFF, Linda; Carboni, Stefano (Ed.). **The legacy of Genghis Khan**: courtly art and culture in Western Asia, 1256-1353. Metropolitan Museum of Art, 2002; KOMAROFF, Linda (Ed.). **Beyond the legacy of Genghis Khan**. Brill, 2012; MAY, Timothy. **The Mongol Conquests in World History**. London: Reaktion Books, 2012; FAVEREAU, Marie. **The Horde**: how the mongols changed the world. Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University, 2021.

<sup>80</sup> Cf.: BIRAN, Michal. The Mongol Empire in World History: The State of the Field. **History Compass**, v. 11, n. 11, p. 1021-1033, 2013; JACKSON, Peter. The Mongol Empire, 1986–1999. **Journal of Medieval History**, v. 26, n. 2, p. 189-210, 2000; TSAI, Wei-chieh. The Current Trends of Mongolian Studies in the USA. **Mongolian and Tibetan Quarterly**, v. 21, n. 3, 2012.

<sup>81</sup> SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Cadernos de História UFPE**, v. 11, n. 11, 2016, p. 14. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila.

<sup>82</sup> Para uma análise sobre o impacto e renovação que o artigo de Scott trouxe para os estudos dos chamados *Women's Studies, Gender Studies e Men's Studies*, ver MEYEROWITZ, Joanne. A History of “Gender”. **The American Historical Review**, v. 113, n. 5, 2008, p. 1346-1356.

categoría “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” e “uma forma primeira de significar as relações de poder”<sup>83</sup>.

Uma outra definição, que será utilizada neste trabalho de forma complementar, é a acepção da filósofa Judith Butler. Segundo ela, gênero se trata de uma construção social e histórica. Afinal, “o gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado [...] tem que designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos”<sup>84</sup> onde ele se estabelece enquanto meio discursivo e cultural que opera em função de estabelecer uma ideia de um sexo natural que antecede a própria cultura, o que ela vai chamar de um meio “pré-discursivo”<sup>85</sup>.

No pensamento de Butler, também é importante a ideia de “performatividade”, afinal, como ela mesma explica, “não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade de gênero é performaticamente constituída, pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados”<sup>86</sup>. Assim sendo, não há sexo – portanto, gênero – natural, e sim, o que fazemos com que ele se torne a partir de diversos dispositivos que atuam, sobretudo, através da cultura.

As duas autoras possuem um pensamento que se relacionam, pois ambas nos ajudam a quebrar com as distinções entre sexo e gênero enquanto algo do qual um está para a biologia e outro para o discurso/cultura<sup>87</sup>. Além disso, elas operam a partir de noções foucaultianas como as de “relação de poder”<sup>88</sup> e de “dispositivo de sexualidade”<sup>89</sup>,

<sup>83</sup> *Ibidem*, p. 28

<sup>84</sup> BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 25.

<sup>85</sup> *Ibidem*, p. 25-26.

<sup>86</sup> *Ibidem*, p. 48.

<sup>87</sup> Como observam as historiadoras Teresa A. Meade e Merry E. Wiesner-Hanks, há uma dicotomia entre sexo e gênero, biologia e cultura na conceituação defendida por Scott em seu artigo inaugural. No entanto, essa noção de um estar para o biológico e o outro para o cultural vem sendo muito questionada. MEADE, Teresa A.; WIESNER-HANKS, Merry E. **A companion to gender history**. Oxford: Blackwell Publishing, 2008, p. 3. Para um sucinto resumo sobre os debates biológicos, antropológicos, etnológicos e históricos acerca da dicotomia sexo-gênero, ver WIESNER-HANKS, Merry E. **Gender in history: global perspectives**. Oxford: Blackwell Publishing, 2011, p. 2-5.

<sup>88</sup> Segundo Foucault, as relações de poder podem ser compreendidas como as ações de uns sobre os outros. cf.: FOUCAULT, Michel. **O Sujeito e o Poder**. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault**, uma trajetória filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 242.

<sup>89</sup> A sexualidade, para Foucault, se trata de um dispositivo histórico que atua nos corpos de modo repressivo através de práticas, discursos e saberes que incitam os sujeitos a seguirem práticas consideradas corretas, e marginalizam outras que são consideradas degeneradas. cf.: FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. p. 73-124; REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos

permitindo compreender esses elementos não como algo natural não é algo natural, mas construído por convenções sociais de um determinado grupo que legitima e deslegitima identidades.

Sendo a História uma ciência que se interessa pelas rupturas e descontinuidades, o conceito de gênero surge para demonstrar que os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres – e principalmente, quais são os elementos que os constituem<sup>90</sup> – são descontínuos e variam através do tempo e espaço.

### **3.2. “Vidas que são como uma”: *anda*, um elo entre masculinidades**

As relações entre homens e mulheres eram fundamentais para a vida, sobrevivência e prosperidade nas estepes. Os próprios tinham uma crença fundacional de que eles haviam surgido de uma relação de um lobo azul-acinzentado e uma gamo<sup>91</sup>. Há discussões historiográficas a respeito de se eles são criaturas míticas ou se são pessoas<sup>92</sup>, mas o ponto que vale a pena destacar é: o povo mongol acreditava que haviam surgido da interação de uma figura masculina (Börte) e outra feminina (Goai), que por sua vez também implica em uma hierarquia (lobo-gamo, caçador-caça), uma relação de poder.

A sociedade mongol se organizava em termos de gênero da seguinte forma: os homens cuidavam de tarefas militares, de caça e de governo; enquanto as mulheres assumiam atividades como armar e desarmar as tendas. Como afirma a historiadora Anne F. Broadbridge a respeito das relações de gênero no pastoralismo mongol,

Gênero igualmente moldou as atividades de criação: mulheres tratavam do gado, homens cuidavam dos cavalos e camelos, e ambos tomavam conta das ovelhas e cabras. Além disso, homens fermentavam leite de égua

essenciais. Tradução: Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

<sup>90</sup> Como afirma Scott em um artigo posterior “o foco não deve ser nos papéis atribuídos às mulheres e homens, mas na construção da diferença sexual”. Do original, “*the focus ought not to be on the roles assigned to women and men, but on the construction of the sexual difference itself*”. SCOTT, Joan W. Gender: still a useful category of analysis?. *Diogenes*, v. 57, n. 1, 2010. p. 10.

<sup>91</sup> Do mongol, *Börte Cinoa* e *Goai Maral*. A crença em Börte Chino é uma das ligações que os mongóis possuem com os povos túrquicos. ver *História Secreta dos Mongóis* §1. Sobre a relação do lobo patriarca entre os mongóis e túrquicos, cf.: WORRINGER, Renée. Shepherd's enemy or Aşina, Böri, Börte činō, and Bozkurt?: Wolf as menace, wolf as mythical. *society & animals*, v. 24, n. 6, p. 556-573, 2016.

<sup>92</sup> Rashid Al-Dhin, no século XIII, considerou Börte enquanto um humano. Desde então, historiadores discutem a respeito de como considerá-lo, se o torna na figura lupina ou humana. Christopher Atwood opta pela ambiguidade. cf.: ATWOOD, Christopher. *The Secret History of the Mongols*. London: Penguin Books, 2023.

(*qumiz*), moldavam armas e equipamentos, e curavam peles; mulheres faziam manteiga, cozinhavam e costuravam roupas das peles que os homens haviam curado<sup>93</sup>

Dessa forma, percebe-se que havia entre os homens uma divisão de gênero que pode ser tomada como múltipla. No entanto, a imagem fica ainda mais complexa quando se descobre que, apesar das divisões de tarefas, as mulheres desempenhavam as mesmas funções que os homens, sobretudo em tempos de guerras<sup>94</sup>. Mais ainda, foram as mulheres que assumiram para si um protagonismo político e governamental que, dentre seus efeitos, moldaram e ajudaram a definir o que seria o Império Mongol<sup>95</sup>.

Nas estepes, as relações sociais possuíam um caráter político intrínseco. Os laços que eram construídos entre homens e mulheres não somente vinham do afeto como também envolviam estratégias políticas. Entre os mongóis havia três laços<sup>96</sup>: *nökhör* (o laço da amizade), *quda* (o laço do casamento) e *anda* (o laço da irmandade juramentada).

O laço da amizade, *nökhör* é um elo que liga um soldado ao seu líder. Essa seria uma forma da qual Chinggis Khan iria explorar, uma vez que ao adotar um sistema de acúmulo de saques e de distribuição não somente por hierarquias, mas por feitos, estabelecia um vínculo direto com os seus subordinados. Essa relação se desenvolveria enquanto uma nova, *noyan*<sup>97</sup>.

Como os mongóis eram adeptos da exogamia, os casais eram sempre formados por homens e mulheres de diferentes povos. Essa também era uma forma de um líder firmar novas parcerias políticas com um outro povo tão ou mais poderoso. Assim, *quda*, o laço de casamento, podia ligar não apenas homens e mulheres, mas também dois

<sup>93</sup> Do original, “*Gender similarly shaped livestocks duties: women cared for cattle, men tended horses and camels, and both took care of sheeps and goats. In addition, men fermented mare's milk, fashioned weapons and tack, and cured skins; women made butter, cooked and sewed clothes from the skins the men had cured*”. BROADBRIDGE, Anne F. **Women and the Making of the Mongol Empire**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018. p. 18. Tradução minha.

<sup>94</sup> ROSSABI, Morris. Kubhlai Khan and the Women in his family. In: **From Yuan to Modern China and Mongolia: The Writings of Morris Rossabi**. Leiden; Boston: Brill, 2014, p. 328.

<sup>95</sup> Como afirma Anne F. Broadbridge, “os papéis que as mulheres desempenhavam no nascimento e expansão do Império Mongol eram variados, contudo sempre essenciais” (do original, “*the roles that women played in the birth and expansion of the Mongol Empire were varied, yet Always essential*”). BROADBRIDGE, Anne F. *op. cit.*p. 2. Tradução minha.

<sup>96</sup> ONON, Urgunge. **The Secret History of the Mongols**. The Life and Times of Chinggis Khan. London; New York: RoutledgeCurzon Press, 2001, p. 7.

<sup>97</sup> ATWOOD, Christopher P. **Encyclopedia of Mongolia and the Mongol Empire**. New York: Facts on File, 2004, p. 13.

homens<sup>98</sup>. Ainda sobre casamento, a historiadora Anne F. Broadbridge afirma que “a relação de *quda* era uma de afeição mútua e assistência entre parceiros conjugais, e entre suas famílias. Desta maneira, se diferenciava de outras formas de alianças políticas entre homens, que apenas ligavam indivíduos”<sup>99</sup>. A esta última, chamada *anda*, que daremos um maior foco nas páginas a seguir.

A irmandade juramentada, *anda*, ligava dois homens de famílias diferentes e que passavam a “viver como um”, envolvendo afetividade e apoio militar e econômico por ambas as partes. Segundo a *História Secreta dos Mongóis*, esta forma de relacionamento é explicada nas palavras de Jamukha como uma maneira de dois homens amarem um ao outro, que não se abandonam e que se tornam protetores da vida um do outro<sup>100</sup>.

Para o historiador Christopher Atwood, a relação de *anda*,

era uma irmandade juramentada por homens que não possuíam uma relação direta; [...] Encontradas em muitas sociedades nômades turco-mongol, o ritual da irmandade de sangue envolvia beber de uma taça onde o sangue de ambas as partes foi derramado. Os irmãos iriam trocar presentes e habitualmente passar um tempo vivendo na mesma tenda, ou *ger*<sup>101</sup>.

Logo, a irmandade juramentada era um elo que unia homens por uma vida. Como mencionado por Atwood, envolvia até mesmo desses homens viverem juntos. Temüjin, por exemplo, dormiu em uma mesma tenda com seu irmão Jamukha por todas as noites em um período de um ano, mesmo estando casado com Börte, algo que gera discussões entre estudiosos<sup>102</sup>.

<sup>98</sup> Segundo Francis Cleaves, *quda* é um termo usado por aqueles que são ligados pelo casamento de seus filhos. Yisugei chamava o Deyi Sechen, pai da esposa de seu filho Temüjin por *quda*. Onon indica uma afinidade desse termo com um outro que significa “vender”, chamando atenção para a noção de contrato existente no laço. ver CLEAVES, Francis Woodman. **The Secret History of the Mongols**. Cambridge: Massachusetts: Harvard University Press, 1982, p. 15; ONON, *op. cit.*, nota de rodapé 125 da página 52.

<sup>99</sup> Do original, “*the relationship of quda was one of mutual affection and assistance between the marital partners, and between their families. In this way, it differed from other forms of political alliances between men, which only linked individuals*”. BROADBRIDGE, Anne F. **Women and the Making of the Mongol Empire**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018. p. 35. Tradução minha

<sup>100</sup> *História Secreta dos Mongóis* §117.

<sup>101</sup> Do original, “*The anda relationship was a blood brotherhood formed by unrelated men [...] Found in many Turco-Mongol nomadic societies, the ritual of blood brotherhood involved drinking from a cup into which blood from both parties had been poured. The “brothers” would then exchange gifts and usually spend some time living in the same YURT, or ger*”. ATWOOD, Christopher P. **Encyclopedia of Mongolia and the Mongol Empire**. New York: Facts on File, 2004, p. 13. Tradução minha.

<sup>102</sup> Quanto a esse fato, há discussões entre estudiosos a respeito da relação entre dois irmãos juramentados. O antropólogo Terbish Baasanjav discute sobre haver uma relação de práticas homossexuais, enquanto Timothy May argumenta sobre os incômodos de Börte quanto a isso. MAY *apud* MAY, Timothy; HOPE,

Portanto, a noção de que o elo entre dois homens, ligava somente os indivíduos é enganosa. Uma vez que, dado o sistema de pastoralismo móvel, se um líder dividia uma tenda com outro, o acampamento inteiro seguia ambos; da mesma forma que nas guerras ambos os povos iriam lutar juntos<sup>103</sup>.

Na *História Secreta dos Mongóis* temos também o caso da relação de *anda* entre Yisugei e Toghril, posteriormente, intitulado Ong Khan, que será na idade adulta de Temüjin como uma figura paterna. O apoio mútuo entre homens que se relacionam a partir de diferentes tipos de masculinidades como pai, filho e irmão acabaram por influenciar nos desdobramentos que as estepes – e o mundo – tiveram no final do século XII e início do século XIII.

Por “masculinidades”, comprehendo, conforme Durval Muniz de Albuquerque, como um constructo histórico, social e simbólico<sup>104</sup>. Portanto, as masculinidades, como indica o plural, são múltiplas. Apontar o seu caráter histórico e contrapor a ideia de que ela é ideal, é o que torna este conceito útil para o historiador.

Pensar masculinidades no *História Secreta dos Mongóis* é pensar, sobretudo, no ideal mongol de ser homem e quais qualidades um homem deveria ter para ser considerado digno. Na sociedade mongol, um título exemplifica o que era esperado de um homem: *ba'atur*, que significa herói. Tal título era dado para aquele que fosse um exímio caçador e excelente combatente em guerra<sup>105</sup>. A masculinidade mongol era representada no *sülde*, na bandeira que um líder portava quando estava comandando seu povo e que se acreditava que ali residia sua força vital.

No entanto, se engana aquele que considerar que as mulheres não pudessem performar uma masculinidade. Na *História Secreta dos Mongóis* temos o caso de Hö'elun Üjin, que após ter sido abandonada pelos Tayichiyuts após a morte de seu marido, monta

Michael (ed.). **The Mongol World**. London; New York: Routledge, 2022, p. 56; TERBISH, Baasanjav. **Sex in the land of Genghis Khan**: from the Times of the Great Conqueror to Today. London: Rowman & Littlefield, 2023. p. 15.

<sup>103</sup> Inclusive, a cisão e eventual conflito entre Temüjin e Jamukha foram causados pelo segundo tentar determinar qual rumo o acampamento dos dois iria seguir. Isso foi visto com suspeita por Hö'elun Üjin e Börte Üjin. ver *História Secreta dos Mongóis* §117-118.

<sup>104</sup> Cf.: ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. Masculino/Masculinidade. In: COLLING, Maria Ana; TEDESCHI, Losandro Antonio (orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. Dourado, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

<sup>105</sup> LIMA, José Ivson Marques Ferreira de. “Irmãos que dividem uma vida”: disputas entre masculinidades hegemônicas na Guerra Mongol (1204-1206) a partir do História Secreta dos Mongóis. In: BUENO, André (org.). **Oriente 23: Estudos Asioindianos**. Rio de Janeiro: Proj. Orientalismo/UERJ, 2023. p. 32-33.

em um cavalo, porta a bandeira e tenta reunir o povo que a havia abandonado<sup>106</sup>. Após ser marginalizada junto a sua família, passa a caçar e garantir não só a sobrevivência dela e de seus filhos, como as de outras mulheres. Portanto, no mundo mongol, as relações de gênero são complexas e, sobretudo nesse período entre os séculos XII e XIII, diversos agentes lutam para transformar a sua realidade.

Por fim, pensar masculinidades na *História Secreta dos Mongóis* é pensar nas masculinidades hegemônicas entre diferentes indivíduos como Temüjin, Jamukha e Toghril e nas diferentes formas que a fonte constrói esses personagens e como também qualifica suas performances de masculinidades. Mais sobre isso será discutido no capítulo 3. Por ora, é válido ressaltar que a forma com que esses personagens históricos lidaram com seus relacionamentos como pai, filho e irmãos impactam diretamente em como eles são narrados na fonte.

### **3.3. O rapto de Börte Üjin e as alianças de Temüjin**

Antes de abordar teoricamente acerca do nosso objetivo no TCC, que envolve as construções de masculinidades dos mongóis na *História Secreta dos Mongóis* e a forma que a historiografia associou com estereótipos como os de violência, é oportuno abordarmos acerca de dois episódios que estão interligados de modo que um ocorre em consequência do outro: o rapto de Hö’elun Üjin e o rapto e resgate de Börte. O segundo episódio motivou as alianças feitas por Temüjin e o fez ser respeitado como um líder.

Na *História Secreta dos Mongóis* há duas principais menções a rapto de mulheres casadas: Hö’elun, mãe de Temüjin, e Bortê, sua esposa<sup>107</sup>. Em ambos os casos, há uma indicação negativa sobre a prática, uma vez que a documentação dá um foco na dor de Hö’elun ao ser raptada por Yisugei, pai de Chinggis Khaan e no desespero de Temüjin ao perder a sua esposa. Os dois casos se interligam, pois, o segundo foi motivado pelo fato de Yisugei ter raptado a esposa de um mérkita, povo dos quais os sequestradores de Börte pertenciam.

---

<sup>106</sup> Sendo a bandeira algo relacionada à masculinidade de um líder mongol, pode-se afirmar com segurança de que Börte desempenha masculinidades, segundo a *História Secreta dos Mongóis*. cf.: *História Secreta dos Mongóis* §74.

<sup>107</sup> Quando Börte foi raptada pelos mérkitas, a mongol também foi. Quanto aos raptos, ver *História Secreta dos Mongóis* §54-56; 98-110.

Há discussões quanto às práticas mongóis como o rapto e o levirato<sup>108</sup>. No entanto, enquanto o primeiro não dispõe desses benefícios por se tratar também de uma forma de fugir do *inje*, o dote de casamento, o segundo garante um apoio mútuo de cooperação política e alianças militares entre diferentes famílias<sup>109</sup>. Como já mencionado, o casamento é um contrato, o rapto, dessa forma, embora fosse praticado, pode ser compreendido enquanto algo ilegítimo no mundo mongol<sup>110</sup>.

Contudo, Temüjin era apenas um mongol que, apesar de ser líder de um clã que até então era considerado um dos principais, havia declinado desde a morte de seu pai, após ter sido envenenado por tátaros quando ele ainda era uma criança. Porém, Yisugei também não tinha uma presença política tão significativa<sup>111</sup>. Então, para resgatar a sua esposa, o mongol usou do dote oferecido pela família desta para agraciar o Toghril, khan kereíta, que por ser o *anda* de seu pai, comprometeu-se em ajudá-lo. Também o fez retomar o laço de *anda* com Jamukha, dos jadarans, que no período era uma das principais lideranças das estepes.

Portanto, o resgate de Börte foi crucial para a ascensão de Temüjin como um dos principais líderes das estepes. No entanto, esse aumento na reputação do borjinguida fez seus dois aliados olharem com desconfiança e até mesmo tramarem contra a sua vida. Jamukha foi motivado pela cisão com Temüjin e eventual assassinato de seu irmão Dachar, resultando na batalha de *Dalan Baljut* em 1187. Já Ong Khan, foi motivado pelo filho, Senggum, que não queria que Temüjin herdasse o lugar do pai após seu falecimento.

A *História Secreta dos Mongóis* busca não deixar dúvidas a respeito da legitimidade de Temüjin. Afinal, Jamukha e Ong Khan são descritos enquanto indignos por não respeitarem os laços que eles criaram com Temüjin e traidores por agirem por suas costas. Isso pode ser observado no discurso que Jamukha profere ao Chinggis Khan

<sup>108</sup> Prática da qual consistia em pais, filhos e primos se casarem com a viúva desde que não tivessem uma relação de consanguinidade. Ver BIRGE, Bettine. **Women, property, and Confucian reaction in Sung and Yüan China (960–1368)**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

<sup>109</sup> cf.: BROADBRIDGE, Anne F. *op. cit.*

<sup>110</sup> Um exemplo disso é que a relação entre os Borjinguidas e Conquiratas só se estabeleceu após a firmação do compromisso matrimonial entre Temüjin e Börte. Uma prova disso é o fato de que, após ficar viúva, Hö’elun não retornou aos Conquiratas. Quando ao casamento e os usos políticos que dele foram feitos no Império Mongol, ver ZHAO, George Q. **Marriage as a political strategy and cultural expression: Mongolian royal marriages from world empire to Yuan Dynasty**. New York: Peter Lang, 2008.

<sup>111</sup> Apesar do título de Ba’atur, Yisugei nunca foi considerado khan. Embora a *História Secreta dos Mongóis* em algumas passagens acaba o referenciando enquanto tal.

para ser morto pisoteado por cavalos ao invés de poupadão, pois sempre iria traí-lo. E Ong Khan terminou morto pelos naimans enquanto fugia e dizia ser castigado pelo Céu<sup>112</sup>.

Dessa forma, a fonte qualifica e legitima Chinggis Khan a partir de noções de masculinidade ao mesmo tempo que condena outros por não respeitar seus laços de irmandade ou paternidade, ou até mesmo de capacidades militares, como é o caso de Tayang Khan, que é comparado a uma mulher. Ao fazer isso, o que os autores da *História Secreta dos Mongóis* buscaram foi uma forma de tornar Temüjin uma figura digna, portadora de uma masculinidade elevada e, portanto, justificada para governar.

Porém, é necessário chamar atenção para o fato de que Temüjin dificilmente teria tornado esse líder sem a participação ativa de mulheres como Hö’elun e Börte, que longe de serem apenas vítimas da opressão masculina, também exerceram um papel político e crucial do qual, sem elas, dificilmente teríamos um Império Mongol como conhecemos. Como aponta o historiador Bruno de Nicola,

As diferentes lutas sucessivas encaradas por Temüjin foram resolvidas graças ao envolvimento pragmático dessas mulheres que lutaram pelo seu direito ao trono, aconselhando-o em como lidar com a oposição e até mesmo apontar quaisquer decisões políticas erradas que ele fizesse<sup>113</sup>.

Em síntese, analisar a ascensão política e militar de Chinggis Khan sem perceber como foram cruciais as relações de gênero e de poder criadas é desconsiderar uma série de fatores que, dentre os seus efeitos, influenciaram nos eventos que influenciaram a fundação do Império Mongol. É, sobretudo, ignorar o que torna a história do Império Mongol algo dinâmico e único. Ainda mais, é insistir em concepções vazias de que essa é uma história de como uma horda de bárbaros aculturados dominaram a Eurásia. E é sobre essas narrativas e os efeitos gerados por elas que será o nosso foco.

---

<sup>112</sup> *História Secreta dos Mongóis* §188.

<sup>113</sup> Do original, “the different succession struggles faced by Temüjin were resolved thanks to the pragmatic involvement of these women who fought for his right to the throne, advised him on how to deal with the opposition and even pointed out any incorrect political decisions he made”. DE NICOLA, Bruno. **Women in Mongol Iran**: The Kahtuns, 1206-1335. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2017, p. 49. Tradução minha.

## 4. CAPÍTULO TRÊS: DESTRUIÇÃO, VINGANÇA E RETALIAÇÃO: A VIOLÊNCIA NA *HISTÓRIA SECRETA DOS MONGÓIS*

### **4.1. As construções discursivas da violência**

Como observou a historiadora Anne F. Broadbridge, a historiografia sobre os mongóis é dominada por uma perspectiva acerca de uma visão dos e sobre os homens. Ela credita isso há dois fenômenos: o personagem cativante que é o Chinggis Khan e o foco – excessivo, eu diria – nas conquistas militares, que sobretudo teve maior destaque na historiografia mongol entre as décadas de 1960 a 1980.

Tal enfoque nas guerras e nas conquistas militares contribuíram para uma compreensão do período mongol enquanto uma era violenta e dos mongóis serem percebidos como bárbaros sanguinários que provocaram genocídios e que até mesmo recebem comparações anacrônicas e tendenciosas que vão dos neoassírios até mesmo aos alemães nazistas<sup>114</sup>.

Desse modo, o que chamo atenção é para pensarmos a História a partir de uma série de discursos que são produzidos por e que também produzem uma consciência histórica, algo que não é neutro. Assim como a ciência, ou o processo de pensar cientificamente que os produzem<sup>115</sup>, também não é; pois carrega intencionalidades que se relacionam com o local de onde o historiador se insere. E a violência, enquanto algo discursivo, se insere em condições semelhantes.

Segundo o historiador Leandro Rust, a violência é “todo emprego de força física ou simbólica que ameace ou acarrete dano, prejuízo ou privação a pessoas e bens”<sup>116</sup>. No documento histórico, a violência é também “uma descrição feita, desfeita e refeita”<sup>117</sup>. Dessa forma, a violência é algo que carrega uma intencionalidade e uma justificativa; e

<sup>114</sup> Em obras consideradas clássicas e introdutórias como as de Philips, Saunders e Morgan (apenas na primeira edição de seu livro, tendo sido removida na segunda) há passagens que comparam os mongóis aos nazistas. Essas comparações, inclusive, já foram utilizadas pelos próprios nazistas em propagandas. Quanto aos efeitos e usos dessas generalizações, será discutido na subseção 3 desse mesmo capítulo. cf.: PHILIPS, *op. cit.*; SAAUNDERS, *op. cit.* e MORGAN, 1986. Sobre os usos políticos dos mongóis pelos nazistas, ver BREITMAN, Richard. Hitler and Genghis Khan. *Journal of Contemporary History*, v. 25, n. 2, p. 337-351, 1990.

<sup>115</sup> FEBVRE, Lucien. *Combats pour l'Histoire*. Paris: A. Colin, 1965.

<sup>116</sup> RUST, Leandro. *Os vikings*: narrativas da violência na Idade Média. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes, 2021, p. 21.

<sup>117</sup> *Ibidem*, p. 24.

dependendo de quem narra, ela pode ser justificada ou reprovada. Portanto, ela não é a única coisa, mesmo em uma documentação.

Tomando como bases os estudos sociológicos<sup>118</sup>, buscar uma definição geral para a violência, é contraproducente. É limitar as suas diversas nuances, facetas, usos e efeitos em diferentes sociedades e épocas. No entanto, é aí que a violência surge enquanto um objeto de análise interessante: sua polissemia. Logo, para cada sentido que a palavra apresente, há uma variação de estudos e análises.

Nos últimos vinte anos, a sociologia vem se dedicando ao estudo da violência. Como explicam os sociólogos Silvia Walby e Larry Ray, os estudos sobre violência sofreram por uma falta de interesse graças à visão que predominava no período de que a esta diminuía conforme o grau de modernidade que uma sociedade alcançava<sup>119</sup>.

Essa tendência influente tem como base a tese de Norbert Elias, que em seu livro chamado *O Processo Civilizador*<sup>120</sup> defende a tese de que os “processos civilizatórios” vividos pelos europeus os tornaram civilizados e os distinguiam dos bárbaros. No caso da violência, o homem civilizado seria superior ao homem considerado bárbaro por conter a sua agressividade<sup>121</sup>.

Uma outra tendência que foi bastante influente nos estudos de violência – embora não tenha ela enquanto foco – foi o conceito de *governamentalidade*<sup>122</sup> de Michel Foucault, na qual ele apresenta uma noção de que a violência iria se exaurindo, pois, a brutalidade de estado mudou para táticas de disciplina e, depois, segurança<sup>123</sup>. Afinal, segundo ele, essa nova “arte de governar” um Estado que surge no século XVIII, definindo uma nova era, dispõe de outros novos instrumentos dos quais ele tende a monopolizar para a disciplina de sua população<sup>124</sup>.

<sup>118</sup> COLLINS, Randall. **Violence**: a micro-sociological theory. New Jersey: Princeton University Press, 2008; WALBY, Sylvia. Violence and society: Introduction to an emerging field of sociology. **Current sociology**, v. 61, n. 2, p. 95-111, 2013; RAY, Larry. **Violence and Society**. London: Sage Publications, 2011.

<sup>119</sup> cf.: WALBY, *op. cit.*; RAY, Larry. The Sociology of Violence. In: KORGEN, Kathleen Odell (Ed.). **The Cambridge Handbook of Sociology**, Volume 2: Specialty and Interdisciplinary Studies. Cambridge: University of Cambridge Press, 2017. p. 178-187.

<sup>120</sup> ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Tradução de Ruy Jungman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

<sup>121</sup> *Ibidem*, p. 189-191.

<sup>122</sup> FOUCAULT, Michel. A “Governamentalidade”. In: **Ditos e Escritos IV**: Estratégia, Poder-Saber. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

<sup>123</sup> WALBY, *op. cit.*, p. 96.

<sup>124</sup> Há críticas por parte dos sociólogos quanto a essa definição. Para Walby e Ray, o Estado, na realidade, distribui esses instrumentos com outras pessoas da classe dominante. Sendo a violência, física ou simbólica, ainda presentes no controle daqueles que estão em classes mais baixas. cf.: WALBY, *op. cit.*; RAY, Larry. The Sociology of Violence. In: KORGEN, Kathleen Odell (Ed.). **The Cambridge Handbook of**

Porém, assim como as noções de modernidade equivalem a superioridade vem ruindo graças ao trabalho de diversos acadêmicos<sup>125</sup>, a violência não é mais vista enquanto algo que é o contrário do moderno. Assim, não há mais uma noção de que existem indivíduos violentos, mas sim, situações violentas<sup>126</sup>, como defende o sociólogo Randall Collins.

Portanto, o que norteia a forma como compreendemos a violência é o nosso objeto. Do qual, a partir de seus próprios contextos, condições e tipos norteiam aquilo que podemos compreender como violentos. Logo, uma conceituação geral da violência tende a ser abrangente e lidar com esse problema a partir de diversas facetas e relações das quais ela pode se confundir, como é o caso do poder.

No entanto, o que é útil para este trabalho é percebermos como – na tradição teórica feita a partir de Elias ou Foucault – a violência costuma estar projetada em um passado, na qual há um estágio futuro em que ela supostamente não está mais presente. E há sempre um Outro do qual terá sua coetaneidade negada<sup>127</sup> e caracterizado de modo arbitrário e generalista como “violento”.

Como será discutido, a Historiografia, ao associar os mongóis à violência, nunca ponderaram acerca das mulheres. Somente os homens – soldados e khans – foram considerados. Portanto, há uma associação da historiografia dos mongóis que atribuem ser um homem mongol a ser inherentemente violento.

#### **4.2. As associações entre violência e mongóis no discurso historiográfico**

Algo que foi um dos objetos centrais de investigação pelos historiadores pode ser resumido na seguinte pergunta apresentada pelo historiador John Keegan: “Por que os mongóis superaram todos os outros povos nômades das estepes na extensão e rapidez de suas conquistas dentro do mundo civilizado”<sup>128</sup>. No pensamento ocidental, essa questão

**Sociology**, Volume 2: Specialty and Interdisciplinary Studies. Cambridge: University of Cambridge Press, 2017. p. 178-187.

<sup>125</sup> cf.: MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 32, n. 94, p. 1-18, 2017; QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: **A Colonialidade do Saber: etnocentrismo e ciências sociais–Perspectivas Latinoamericanas**. Buenos Aires: Clacso, p. 107-126, 2005.

<sup>126</sup> COLLINS, *op. cit.*, p. 3.

<sup>127</sup> FABIAN, Johannes. **O tempo e o outro**: como a antropologia estabelece seu objeto. Petrópolis: Editora Vozes, 2013. p. 39-70.

<sup>128</sup> KEEGAN, John. **Uma história da guerra**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2006., p. 265.

foi alvo de incansáveis discussões, e as respostas apresentadas por cada um também variavam. Porém, se encontram dentro de uma tradição que vai pensar e associar os mongóis à barbaridade, em termos de civilização e até mesmo raça<sup>129</sup>.

Para pensarmos sobre a historiografia sobre os mongóis, é útil dividirmos em três etapas: 1960-1970, quando foram escritas as obras que não só eram mais especializadas, como contava com os avanços da arqueologia sobre o tema; 1980-1990, que foi um período marcado por traduções diretamente dos idiomas originais e em temas mais especializados, bem como um maior avanço nos estudos culturais; e 2000-2020, época em que os mongóis passam a ser analisados a partir de diversas áreas como a História Global, História Econômica e História Cultural, a fim de revisar o impacto e legado do Império Mongol.

Nas explicações atribuídas por historiadores da década de 1960 e 1970, como E. D. Philips e J. J. Saunders, os mongóis são apresentados enquanto uma “raça”<sup>130</sup> que surgiu do nada, dominou o dito Oriente e ameaçou o Ocidente<sup>131</sup>. Aqui, os mongóis são vistos apenas enquanto um perigo, negligenciando as condições locais, sociais e culturais das quais eles emergiram e foram agentes. Portanto, tais descrições tornam os mongóis como uma ameaça ahistórica, as implicações disso serão discutidas posteriormente.

Algo que também marca essas duas obras, que são muito semelhantes em estrutura, é o fato de que ambas possuem um capítulo apenas para mencionar a chamada “resposta cristã/ocidental” frente a investida mongol. Logo, os mongóis não são apenas considerados ameaças por serem destruidores, mas também uma ameaça ao Ocidente e ao seu “destino manifesto”. Como afirma, J. J. Saunders,

Tivesse a ofensiva mongol não sido abruptamente quebrada em 1242, [...] [a] Cristandade Latina teria sofrido o destino da China e Pérsia, e a destruição em massa à vida e cultura teria tornado impossível o subsequente Renascimento da arte e aprendizagem<sup>132</sup>.

<sup>129</sup> KEEVAK, Michael. **Becoming yellow**: A short history of racial thinking. Princeton University Press, 2011.

<sup>130</sup> Quanto às implicações sobre os mongóis serem as bases das concepções racistas e científicas do século XVIII e XIX da chamada “raça mongólica” ou “amarela”, ver STUART, Kevin C. **Mongols in Western/American Consciousness**. Lewiston: Queenston: Lampeter: The Edwin Meller Press, 1997; KEEVAK, *op. cit.*

<sup>131</sup> Em termos de estrutura, as duas obras são semelhantes. Inclusive, em ambas há um capítulo para descrever sobre a chamada “resposta cristã”.

<sup>132</sup> “Had the Mongol offensive not been abruptly broken off in 1242, [...] Latin Christendom would have suffered the fate of China and Persia, and the wholesale destruction of life and culture would have rendered

Nas décadas de 1980 e 1990, houve não somente as primeiras traduções diretamente do mongol e publicações que influenciaram os estudos das décadas posteriores, como os trabalhos de David Morgan e Thomas Allsen. Em Morgan, ainda há um enfoque sobre os mongóis a partir de uma História Militar, pois como ele afirma, “O Império Mongol foi criação de [suas] conquistas militares, e foi a supremacia militar que as sustentaram”<sup>133</sup>; enquanto em Allsen, há em seus trabalhos uma maior preocupação em compreender as interações sociais, culturais e intelectuais dentro do Império Mongol.

Entre persistências nos interesses, e nos abandonos argumentativos em torno de concepções raciais, nos trabalhos dessas duas décadas impulsionaram as possibilidades de estudos sobre os mongóis e deram lugar a novos olhares que passavam a compreender o Império Mongol mais quanto agentes de interação. No entanto, ainda havia a convicção desse episódio se tratar de um “atraso” às sociedades que foram integradas ao Império<sup>134</sup>.

Porém, desde o início do século XXI que os trabalhos sobretudo buscam revisar a literatura produzida sobre os mongóis, compreender seus usos políticos e reavaliar as fontes dentro de sua própria formação discursiva. Isso possibilitou analisar os mongóis em uma maneira mais complexa, pensando neles quanto formadores de um verdadeiro sistema-mundo. As obras de Timothy May e Marie Favereau se dedicam a compreender os mongóis sobre essa nova perspectiva<sup>135</sup>.

Nesses estudos, a *Pax Mongolica*, a estabilidade e conexão entre as sociedades trazidas pelos mongóis dentro de contextos de fragmentação, são reavaliadas como *Troca Chinguissída*, por May<sup>136</sup> ou *Troca Mongol*, por Favereau<sup>137</sup>. Porém, apesar desses e demais autores<sup>138</sup> trazerem uma perspectiva renovada acerca do período mongol, ainda

*impossible the subsequent Renaissance of art and learning”*. SAUNDERS, J. J. **The History of the Mongol Conquests**. New York: Barnes & Noble, 1971, p. 89.

<sup>133</sup> “The Mongol Empire was the creation of military conquest, and it was military supremacy that sustained it”. MORGAN, David. **The Mongols**. Oxford; Malden: Blackwell Publishing, 2007, p. 74.

<sup>134</sup> *Ibidem*, p. 64. Ver nota 32 desse trabalho.

<sup>135</sup> MAY, Timothy. **The Mongol Conquests in World History**. London: Reaktion Books, 2012.; FAVEREAU, Marie. **The Horde**: how the mongols changed the world. Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University, 2021.

<sup>136</sup> Do original, Chinggis Exchange. MAY, *op. cit.*

<sup>137</sup> Do original, *Mongol Exchange*. FAVEREAU, *op. cit.*

<sup>138</sup> AMITAI, Reuven; BIRAN, Michal. **Mongols, Turks, and others**: Eurasian nomads and the sedentary world. Leiden; Boston: Brill, 2005.

persiste, na consciência histórica ocidental, uma visão dos mongóis enquanto destruidores sanguinários que trouxeram o atraso.

No Brasil, não há uma área de estudos sobre os mongóis consolidada. Porém, há um número significativo de publicações que, em síntese, destacam os mongóis em suas capacidades políticas e militares a partir de uma história da guerra<sup>139</sup>, mas há também estudos que exploram a organização social dos mongóis, como é o caso da Samila Silva Mesquita<sup>140</sup>; e também há os estudos de José Mateus da Silva Barbosa, que estudou os mongóis no discurso de cristãos do Ocidente Medieval em seu Trabalho de Conclusão de Curso e produziu um artigo sobre o silêncio acerca dos mongóis no cinema a partir de *Alexander Nevsky* (1938)<sup>141</sup>.

Os estudos citados, bem como este, são influenciados por historiadores de tradições ocidentais, como a estadunidense e francesa. E neles, podemos perceber tanto contribuições importantes para os estudos dos mongóis no Brasil, como a repetição de problemas oriundos da Historiografia ocidental. Percebemos isso quando Elaine Senise Barbosa afirma que as conquistas mongóis nas terras islâmicas foram tão arrasadoras que “a ‘roda da história’ andou para trás”<sup>142</sup>. Isso nos faz retomar a problemática da questão da violência, apresentada na seção anterior. A visão de que a violência está para o passado, de que, nesse caso, os mongóis – representantes de um passado devastador – levaram a destruição e atraso por onde quer que passassem.

No entanto, por quê mesmo com os estudos e debates atuais, os mongóis continuam sendo representados dessa forma tão vilipendiosa? O historiador Kevin Stuart aponta que a habitual caracterização dos mongóis enquanto bárbaros e sua associação única à violência persiste pois atende aos interesses dos Ocidente<sup>143</sup>. Segundo ele, “Retratar os mongóis como ‘bárbaros’ serve à uma função útil. [Pois] ela dá aos

<sup>139</sup> BARBOSA, Elaine Senise. Gênghis Khan e as conquistas mongóis. In: MAGNOLI, Demétrio (org.). **História das guerras**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 131-162.; SCALERCIO, Marcio. Os mongóis e o império dos arqueiros montados — o arco e o cavalo. In: DA SILVA, Francisco Carlos Teixeira; CABRAL, Ricardo; MUNHOZ, Sidnei (orgs.). **Impérios na História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. p. 107-116.

<sup>140</sup> MESQUITA, Samila Silva. Caracterização da vida nas estepes mongóis no século XIII. **MYTHOS – Revista de História Antiga e Medieval**, v. 6, n. 2, 2019, p. 106-120.

<sup>141</sup> DA SILVA, José Mateus Barbosa. A representação dos mongóis em Alexander Nevsky de Sergei Eisenstein. **Cadernos de História UFPE**, n. 12, vol. 12, p. 171-189, 2017; DA SILVA, José Mateus Barbosa. **Olhares sobre o “outro” na corte mongol**: relatos dos Frei Rubruck e Plano Carpini como subsídio para o ensino de história medieval da Ásia. Orientadora: Christine Paulette Yves Rufino Dabat. 2021. 75 f. TCC (Graduação) – Curso de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.

<sup>142</sup> BARBOSA, *op. cit.*, p. 158.

<sup>143</sup> STUART, *op. cit.*

‘estudiosos’, ‘especialistas’ e ‘mãos’ dos estudos [dos] mongóis a dúvida distinção de serem mestres de um exótico e mesmo, de alguma forma, perigoso assunto”<sup>144</sup>.

Esse poder que o Ocidente busca ter sobre as sociedades e o passado das sociedades consideradas orientais, atuando também nas formas de saber, se caracteriza naquilo que Edward Said chama de “orientalismo”, a maneira que o Ocidente tem de narrar sobre o Oriente para dominar e justificar a sua hegemonia<sup>145</sup>.

O Orientalismo, atua de diversas facetas dependendo do seu objeto, assumindo uma série de particularidades nos elementos que são evocados para estereotipar, generalizar e inferiorizar diferentes povos. No caso dos mongóis, Chinggis passa a ser Gênghis, um avatar que representa um povo bárbaro que busca destruir tudo aquilo que eles “não conseguem entender”<sup>146</sup>. Logo, os mongóis formam a base daquilo que se chama de “perigo amarelo”, a noção de que uma superpotência asiática irá supostamente surgir do nada para dominar e destruir o Ocidente<sup>147</sup>.

Portanto, a caracterização dos mongóis como violentos e sanguinários – que possui como seu total representante a figura de Chinggis Khan – não é acidental, ou apenas fruto das narrativas de cronistas medievais chineses, persas ou europeus. A falta de análise crítica dessas fontes, bem como a desvalorização da *História Secreta dos Mongóis*, atende a um propósito, que, dentre seus efeitos, possui seus usos políticos que visam a legitimação da hegemonia ocidental perante o oriental, considerado inferior e atrasado. Assim, o mau uso e avaliação crítica da violência assume, então, facetas extremamente danosas para os mongóis e para outros povos asiáticos de modo geral.

Porém, as conquistas e a própria narrativa da *História Secreta dos Mongóis* apresentam episódios e ações que são consideradas violentas. A questão que resta para explorar é a de como podemos analisar a violência entre os mongóis, de modo que busque compreender os usos físicos e discursivos e que também não recaiam em explicações simplistas e generalistas que mais nublam do que contribuem para a nossa percepção sobre essa sociedade.

<sup>144</sup> Do original, “Depicting the Mongols as ‘barbarians’ serves a useful function. It gives to ‘scholars’, ‘experts’ and ‘hands’ in Mongols Studies the dubious distinction as being masters of an exotic and even somewhat dangerous subject matter”. *Ibidem*, p. 18.

<sup>145</sup> SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

<sup>146</sup> MAY, *op. cit.*, p. 102.

<sup>147</sup> MARCHETTI, Gina. **Romance and the yellow peril**: race, sex and discursive strategies in Hollywood fiction. Barkeley: Los Angeles: Londres: University of California Press, 1993, p. 2.

### **4.3. Violência: um estereótipo, uma forma de legitimação do poder ou uma expressão de gênero?**

Segundo os historiadores Dominique Perrot e Roy Preiswerk, o estereótipo é “um conjunto de características que tipificam um grupo, em seu aspecto físico, mental e no seu comportamento” que tem como seus efeitos “fugir da ‘realidade’, restringindo, mutilando e deformando-a”<sup>148</sup>. Eles são cientes dos efeitos que a narrativa histórica gera, sobretudo, naqueles que são considerados como Outro.

Como eles explicam, o estereótipo sobre os mongóis consiste na crença de que estes são “[...] um povo composto por cavaleiros em comboio para assassinar e roubar tudo ao seu passo”<sup>149</sup>. Sendo essa caracterização uma “forma caricaturada de representação social”<sup>150</sup>, ela busca transformar a figura de Chinggis Khan em Gênghis Khan, um representante da barbaridade e selvageria, que não apenas atua sobre os mongóis, mas também abrange chineses e, por fim, generaliza todos os povos asiáticos.

No imaginário ocidental, há uma palavra que demonstra essa relação: horda. Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa, disponível no site da Michaelis<sup>151</sup>, essa palavra designa “tribo nômade, selvagem”, “bando indisciplinado, provocador de brigas e desordem” e, por extensão, “multidão desordenada, turba”. Essa palavra descende de outra de idiomas europeus, como “*horde*”, que por sua vez, é uma alteração da palavra mongol *ordu*. Enquanto uma evoca terror e selvageria, a outra designa palácios ou o território de um líder<sup>152</sup>.

Portanto, o estereótipo nubla o nosso contato com os mongóis, mesmo que ele seja feito mediado por fontes que, em tese, esclareceriam mais sobre quem foram. No entanto, como vimos, por longas décadas os historiadores apenas olharam para os mongóis a partir de um único olhar, que por sua vez foi mediado por uma caricatura violenta.

<sup>148</sup> Na íntegra, traduzido a partir da edição em espanhol, “*El estereotipo puede ser definido como un conjunto de rasgos que supuestamente caracterizan o tipifican a un grupo, en su aspecto físico y mental y en su comportamiento. Este conjunto se aparta de la ‘realidad’ restringiéndola, multilandóla y deformándola*”. PERROT, Dominique; PREISWERK, Roy. **Etnocentrismo e Historia: América Indígena, África y Asia en la visión distorsionada de la cultura occidental**. México: Editorial Nueva Imagen, 1975, p. 259.

<sup>149</sup> “[...] los mongoles constituyan um pueblo totalmente compuesto por jinetes perpetuamente em tren de asesinar y robar todo a su paso”. *Ibidem*, p. 266.

<sup>150</sup> “[...] el estereotipo es la forma caricaturesca de una representación social”. *Ibidem*, p. 262.

<sup>151</sup> ver HORDA | Michaelis On-line, 2024. **Michaelis**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/horda/>. Acesso em: 10 de jan. de 2024.

<sup>152</sup> FAVEREAU, *op. cit.*, p. 11.

Porém, tomando a violência enquanto ações que uns cometem contra o outro, como a *História Secreta dos Mongóis* como base, como homens e mulheres mongóis percebiam a violência? A chave para a resposta desta questão está nas relações masculinas, sejam como irmãos, filhos ou líderes, homens lutaram duramente pela sua sobrevivência e pelo poder nas estepes entre os séculos XII e XIII.

Como foi discutido no capítulo anterior, a ascensão de Chinggis Khan ao poder resultou da sua ascensão dentro das relações que ele ia estabelecendo com outros homens e mulheres. A relação de *anda* é crucial pois, foi através dela que ele se firmou enquanto um grande líder<sup>153</sup>, o fim dela também se confunde com a sua vitória militar e fundação do Império. Porém, todas elas são marcadas pela violência.

De todos os seus rivais, foi Jamukha quem representou uma maior ameaça para Temüjin. Seja por sua derrota em 1187 ou quando o mesmo montou uma Confederação para derrotá-lo em 1204<sup>154</sup>. Ao ser derrotado, Temüjin oferece ao Jamukha um cargo ao seu lado, que é negado pelo mesmo, pois, segundo ele, enquanto vivesse, seria um pesadelo para o Khan, e o pediu para ser morto de maneira honrosa. Para então, abençoá-lo<sup>155</sup>.

No entanto, é importante notarmos como os personagens foram construídos dentro da *História Secreta dos Mongóis* e quais são as finalidades de cada passagem. Aqui, Temüjin é descrito enquanto um líder justo, que respeita os laços que ele construiu, apenas tendo matado o seu *anda* em demanda dele. Portanto, Temüjin – e não Jamukha, ou Ong Khan – que é um homem digno de ser Khan de todos os povos estepanos.

Na fonte, isso constitui como um *tropo* do “irmão sacrificado”, como observa Atwood<sup>156</sup>. Na *História Secreta dos Mongóis*, há três passagens que narram a morte de irmãos, que sempre resultam em favor do outro: o assassinato de Bekter<sup>157</sup>, o discurso e a execução de Jamukha e o sacrifício de Tolui<sup>158</sup>. Em todos os casos, essas mortes ocorrem em favor do Khan, seja Chinggis ou Ogodei, seu sucessor.

Dentre eles, um que vale a pena a análise é o caso do supracitado fraticídio de Bekte, no qual Temüjin e seu irmão Kasar matam Bekter, seu irmão mais velho por parte

<sup>153</sup> *História Secreta dos Mongóis* §202.

<sup>154</sup> *História Secreta dos Mongóis* §186-197.

<sup>155</sup> *História Secreta dos Mongóis* §200-202.

<sup>156</sup> cf.: ATWOOD, Christopher P. The Sacrificed Brother in the "Secret History of the Mongols". *Mongolian Studies*, v. 30, p. 189-206, 2008.

<sup>157</sup> *História Secreta dos Mongóis* §76-78.

<sup>158</sup> *História Secreta dos Mongóis* §272. Atwood discute sobre ser de fato um sacrifício voluntário ou se Ogodei encomendou a morte do irmão para manter seu poder. ver ATWOOD, *op. cit.*

de pai, motivados pelo furto de caça. Nele, Bekter é descrito como alguém que apenas ficou sentado e tentou convencer seus irmãos para que não o matem utilizando das palavras de Hö’elun, em vão. No entanto, o que marca essa é passagem é que outras fontes não narram este episódio – o que confere ainda mais o caráter secreto da *História Secreta* –, e o sermão dado por Hö’elun aos seus dois filhos, o que provavelmente influenciou Temüjin posteriormente a respeitar seus laços.

O sermão de Hö’elun, que reprova a ação de seus filhos ao chamá-los de destruidores e compará-los com feras selvagens, chama atenção para um ponto recorrente na documentação: a importância da união entre indivíduos para o bem comum. Mais do que isso, a briga entre irmãos é comparada com o caso dos filhos de Alan Go’a, que brigavam por desconfianças acerca da paternidade dos irmãos<sup>159</sup>.

O que pode ser observado dessas passagens, é o fato de que são as mulheres – e não os homens – que conduzem a união de um coletivo de pessoas, seja a família ou a própria *ulus*<sup>160</sup>. Aqui, observasse mulheres em posição de serem figuras de sabedoria, algo que Chinggis Khan iria se lembrar ao longo de sua vida, vide que os conselhos políticos que ele mais obedecia vinham de sua mãe e esposa<sup>161</sup>.

Portanto, o que vemos aqui é uma reprovação dos atos de Temüjin, que tanto trouxe consequências negativas para a sua vida<sup>162</sup> quanto causou um apagamento de qualquer referência do episódio em outras fontes chinesas ou persas. Logo, os mongóis não são inherentemente violentos, como os estereótipos nos levam a crer.

Porém, as ações violentas também buscam uma legitimação política. John Man afirma que ao matar Bekter, Temüjin assumiu “[...] uma rudeza necessária para conquistar e manter a liderança”<sup>163</sup>. No entanto, tendo em vista que ele foi escravizado pelos Taychiudes por conta do fraticídio, e o fato de que os Borjiguidas não tinham mais a mesma posição que algumas décadas antes, resta saber do que Temüjin seria líder.

<sup>159</sup> Alan Go’a é a mãe de Bodonchar, o fundador dos Borjigin. Na *História Secreta dos Mongóis*, ela concebe filhos por concepção miraculosa ao ser visitada por Tenggri na forma de um lúpino dourado. *História Secreta dos Mongóis* §17-23.

<sup>160</sup> Há uma passagem em que uma das esposas do Khan o aconselha acerca da desunião do seu povo, que estavam se comportando como uma revoada de pássaros. *História Secreta dos Mongóis* §245.

<sup>161</sup> cf.: DE NICOLA, Bruno. Las mujeres mongolas en los siglos XII y XIII.: Un análisis sobre el rol de la madre y la esposa de Ghinggis Khan. *Acta historica et archaeologica mediaevalia*, v. 27-28, 2008. p. 37-63; ESPADA, Antonio García. *El Imperio Mongol*. Madrid: Editorial Síntesis, 2017.

<sup>162</sup> Logo em seguida ele foi escravizado pelos Taychiudes. *História Secreta dos Mongóis* §78.

<sup>163</sup> Man afirma que Temüjin desempenhou uma “[...] rudeza necessária para conquistar e manter a liderança”. MAN, John. **Gêngis Khan**: a vida do guerreiro que virou mito. Tradução de Laura Alves e Aurélio Rebello. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 86.

Entretanto, há passagens na *História Secreta dos Mongóis* no qual ações violentas são utilizadas na tentativa de garantir uma legitimidade ao poder, como foi o caso de Jamukha, que após vencer a Batalha de Dalan Baljut, cozinhou ainda vivos aqueles que o haviam abandonado por Temüjin<sup>164</sup>. Mas, a atitude foi reprovada por seus companheiros, que os deixou. Este foi um dos fatores que fizeram Temüjin ser visto enquanto um líder digno perante os mongóis.

Consequentemente, há uma associação entre ser homem e atitudes violentas, seja na *História Secreta dos Mongóis* ou na própria historiografia sobre os mongóis. Resta, agora, avaliar se a violência ela pode também ser compreendida enquanto uma expressão de gênero.

Os sociólogos Raewynn Connell e James W. Messerschmidt, em estudo sobre as *masculinidades hegemônicas*, apresentam debates sobre essa questão, afirmam que a hegemonia de uma masculinidade não deve ser compreendida como violência, embora as masculinidades também sejam construídas através de práticas não-discursivas, dentre elas, a violência<sup>165</sup>.

No mesmo sentido, Thomas J. Scheff estuda as associações entre o que ele chama de hipermasculinização com a violência<sup>166</sup>, que são causadas por uma série de práticas sociais, dentre elas, o silenciamento de homens perante seus sentimentos e maneira como são educados sobre eles, por exemplo.

De certo, esses estudos se referem a contextos contemporâneos e ocidentais. Porém, são úteis para pensarmos acerca do caso de Chinggis Khan, sobretudo em suas diferenças. Como vimos, não há, entre os mongóis, um silenciamento dos homens perante seus sentimentos. Ao longo da documentação, há diversas passagens de Temüjin ou Jamukha dizendo entre si para se amarem – até mesmo o perdão inicial de Chinggis Khan ao seu *anda* é motivado pelo afeto entre irmãos jurados. No entanto, a violência marca essas relações pois, quando elas se chocam com os propósitos políticos dos indivíduos, ela resulta numa questão de legitimidade.

Em suma, os mongóis ficaram conhecidos como sanguinários violentos. Porém, a sua relação com o sangue é diferente – o sangue é a essência do mongol, quando ele é jorrado, o indivíduo deixa de existir. Porém, o sangue destaca a posição que uma pessoa

<sup>164</sup> *História Secreta dos Mongóis* §129.

<sup>165</sup> CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica:** repensando o conceito. Revista Estudos Feministas, v. 21, n. 01, p. 241-282, 2013, p. 245; 258.

<sup>166</sup> SCHEFF, Thomas J. Hypermasculinity and violence as a social system. **UNIversitas: Journal of Research, Scholarship, and Creative Activity**, v. 2, n. 2, p. 1-10, 2006.

tem na sociedade: aos nobres, eram destinadas execuções que não envolviam o derramamento de sangue<sup>167</sup>. Da mesma forma, o sangue também representava o universo<sup>168</sup>.

Dessa maneira, a relação entre mongóis e a violência – longe dos estereótipos e das generalizações orientalistas, como o perigo amarelo – se mostra complexa. As ações violentas que ocorreram em períodos de fragmentação e na posterior conquista da Eurásia não definem os mongóis como um todo. Pelo contrário, se analisadas criticamente, elas não somente surgem em uma perspectiva renovada como também demonstram que o Império Mongol se utilizava da violência e da militarização como qualquer outro que estivesse em contexto de expansão.

Como foi observado, algumas das tentativas de legitimidade que fizeram uso da violência foram vistas enquanto negativas<sup>169</sup>. Portanto, pode-se chegar à conclusão de que, de repente, os mongóis não eram “inerentemente violentos” como muitos afirmam até os dias de hoje.

Portanto, longe de ser uma palavra para essencializar e inferiorizar sociedades, a violência pode ser um conceito útil para percebermos uma série de relações sociais complexas dentro de uma sociedade, bem como analisarmos as estratégias narrativas que são adotadas pelas fontes que analisamos.

---

<sup>167</sup> O condenado era enrolado em um carpete e era pisoteado por cavalos. Essa inclusive foi a execução de Jamukha. *História Secreta dos Mongóis* §202.

<sup>168</sup> Vide o coágulo de sangue que Temüjin segurava em sua mão quando nasceu, o que foi compreendido enquanto um sinal de que ali nascia um forte líder.

<sup>169</sup> Por se tratar de uma fonte que narra acontecimentos em tempos de guerras, não faltam exemplos que poderiam ser citados. Geralmente, os que envolvem vitórias militares de Temüjin, como a execução de todos os homens tártaros, são colocados de forma que endossam o poder do Khan. Porém, é necessário considerar que, apesar do discurso, os tártaros não foram exterminados e, além disso, foram essenciais para o Império Mongol. Desconfio que essa medida foi uma forma de minimizar as chances de uma recuperação tática. *História Secreta dos Mongóis* §154.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, os mongóis ficaram conhecidos pelas suas capacidades militares e por suas conquistas, que uniram boa parte da Eurásia em um só território. No entanto, na Historiografia, os mongóis surgem enquanto “bárbaros”, “selvagens”, “monstruosos” e “infernais” que saquearam e condenaram as sociedades conquistadas à um atraso frente à Europa, sobretudo a partir do século XV.

Segundo esses discursos, essas “hordas” violentas e desordenadas dispunham apenas de invenções e táticas bélicas para dominar e controlar as sociedades invadidas. Logo, as conquistas mongóis foram percebidas aqui como única e exclusivamente garantidas e sustentadas pela força. Sem a força de arqueiros montados a cavalos, os mongóis supostamente não teriam tido sucesso. Para além disso, “atraso” é uma constante dentro dessas representações.

Tal é o conjunto que forma o estereótipo acerca dos mongóis: seres inferiores que viveram de forma parasitária às sociedades – sedentárias, consideradas “civilizadas” – que integraram seu Império. Seu fundador, Chinggis Khan, é considerado um representante de todos os malefícios e vícios que foram atribuídos aos mongóis: um déspota obcecado em destruir e dominar.

No entanto, as fontes que temos à disposição para estudar os mongóis – dentre elas, a *História Secreta dos Mongóis*, apresentam uma imagem mais complexa e que rompem com essas noções estereotipadas que dominaram a visão que temos acerca dos mongóis.

De certo, os historiadores do passado também possuíam acesso às mesmas fontes, no entanto, a metodologia e o uso apropriado de conceitos oferecem uma oportunidade para se alcançar uma nova visão acerca das possibilidades desse passado. O historiador que estuda a História dos mongóis hoje já busca ser mais ciente dos interesses e construções discursivas que se encontram dentro das documentações, seja ela de origem chinesa, persa, latina ou russa.

Tanto os historiadores do passado quanto os historiadores do presente possuem interesses dos quais pretendem alcançar na sua escrita. Nesse sentido, “mongóis” assume múltiplos sentidos: os do século XIII buscavam escrever sobre aqueles que os derrotaram e agora os governavam, o historiador ocidental buscou usar dessas fontes produzidas para exaltar esses conquistadores como inferiores, incivilizados.

Os historiadores de décadas atrás não tinham os mesmos compromissos dos quais assumi no presente trabalho. Suas escolhas não foram ingênuas; foram mediadas por interesses políticos que tinham como sua base o eurocentrismo, isso é, uma noção de superioridade ocidental frente a povos asiáticos dos quais sempre buscaram ter o domínio, seja do território ou do discurso sobre eles.

O estereótipo anula aqueles que são caricaturados, distorcendo as suas realidades e a capacidade de se definirem. O orientalismo age nesse sentido, deturpando e criando uma distinção da qual os ocidentais – aqueles que ocupam a posição de narrar – buscam legitimar a sua superioridade, e até mesmo a importância de seu domínio, uma vez que o perigo amarelo – que tem os mongóis como base – portam povos asiáticos como uma ameaça para o mundo civilizado e democrático ocidental.

Assim, o discurso busca definir um *eu* ao mesmo tempo em que consolida um *outro*. E por muito tempo, dentro da historiografia ocidental, os mongóis foram esses *outros* de sua própria história. Uma História marcada por choques civilizacionais que os isolava de suas próprias condições sociais e culturais para fomentar uma narrativa de “povos bárbaros que surgem do nada e ameaçam a civilização”.

No entanto, os mongóis do século XIII também possuíam seus próprios discursos e suas práticas e organizações sociais que, embora complexas, foram vistas com desdém. Uma forma de analisar os mesmos é através de sua *História Secreta*, que contém na sua narrativa um relato de vida de Chinggis Khan, mas também apresenta em seus versos muitas informações desse mundo que, entre os séculos XII e XIII, experimenta profundas mudanças que impactaram não somente as estepes asiáticas, como também o mundo.

Desse modo, pensar acerca da figura de Chinggis Khan, não é pensar a partir de um paradigma metodista que busca a figura de um “grande homem” que definiu a sociedade de sua época. Pelo contrário, é pensar não somente acerca das construções que envolvem a sua figura, que por muitas vezes falam mais do coletivo do que do indivíduo, como também de como avaliarmos criticamente sobre essas construções.

O homem, Temüjin, não somente contribuiu a definir os rumos da sociedade de sua época como também foi definido pela mesma, a narrativa da *História Secreta*, que busca legitimar sua função enquanto líder e seu poder, também detalha suas relações e ações bem como reprovam algumas delas, como foi o caso do fraticídio de Bekter.

Nesse sentido, analisar a sociedade mongol a partir de uma narrativa sobre Temüjin se utilizando dos conceitos de gênero, violência e masculinidade ajudam a compreender a sociedade mongol através de uma ótica que foi tão ignorada pela

Historiografia mongol e, também, apresentam a possibilidade de reflexões renovadas acerca dos mesmos.

Dessa forma, não há como compreender a ascensão de Temüjin e de seu Império Mongol sem entender as relações das quais ele foi construindo com as demais lideranças masculinas. De uma forma que há como compreender a ascensão de Chinggis Khan ao poder como “uma escalada de masculinidades”. Entre seus laços de *nökör* e *anda*, com Ong Khan e Jamukha, dos quais sua legitimidade perante a *História Secreta* também é validada a partir da forma como ele desempenha seu papel enquanto filho e irmão. Da mesma forma que os outros dois são considerados indignos por suas traições contra o Khan.

No entanto, apesar da importância dessas relações, as mulheres se apresentam enquanto agentes necessários para a unificação dos povos das estepes, seja através dos matrimônios, conselhos políticos ou no próprio discurso da *História Secreta*. Dentre elas, se destacam Alan G’oa, Hö’elun e Börte.

Assim, o estudo das relações de gênero na sociedade mongol apresenta uma imagem complexa dessas sociedades e fornecem novas compreensões acerca do papel que ambos homens e mulheres desempenhavam dentro dessa sociedade. Da mesma forma que contribuiu para pensarmos sobre a questão de gênero dentro das sociedades medievais.

Ademais, a análise crítica acerca da masculinidade, da expressão de gênero ideal que um homem deve desempenhar em uma determinada sociedade, contribui para pensarmos acerca de uma questão incômoda dentro dos estudos mongóis: a violência. Destituindo-a do seu papel de distinção entre bárbaro e civilizado, este conceito apresenta um desafio: pensar criticamente acerca da forma que os mongóis foram construídos e de como pensar sobre a sociedade mongol a partir dele.

Como foi analisado, a sociedade mongol se apresenta menos violenta do que de fato se levou a acreditar. Nela, a violência tem seus usos, seja nas disputas entre poder ou nas conquistas. Mas isso, não faz o Império Mongol ser diferente de qualquer outro império.

Em conclusão, o que foi problematizado neste trabalho foi a noção de que a História mongol é uma de violência, de tal forma que esse povo é inherentemente violento e propenso a destruições e guerras. Pelo contrário, uma análise acerca desse Império demonstra que essa é apenas uma de muitas histórias que se pode contar sobre esse período. Como bem vem observando historiadores e antropólogos desde, no mínimo, os

últimos vinte anos, os mongóis não destruíram o mundo, mas sim reconstruíram, de tal forma que atualmente, cerca de 800 anos depois, ainda há países que buscam deter seu legado para se legitimarem, como é o caso da China.

O que este trabalho buscou demonstrar, é que a História dos mongóis não é simples. Como a sua sociedade, ela possui diversas camadas das quais foram ignoradas por historiadores em prol de uma única e essencialista História, de guerras, destruição e violências. Estudar gênero no mundo mongol não é uma abstração, que ignora “temas essenciais”, gênero, como vimos, engloba o todo no mundo mongol. Ao pensar criticamente acerca dessas relações sociais, e sua historicidade, rompemos com noções estereotipadas e que possui usos catastróficos acerca dos mongóis.

Em síntese, o mundo medieval mongol não é simples, é multifacetado. O mundo que Chinggis Khan viveu e conquistou foi um mundo de profundas transformações e que estava conectado, de tal forma que não há como pensar nem sobre a sociedade nem sobre a *História Secreta dos Mongóis* sem levarmos em consideração as relações com a China. Assim, a cooperação entre homens e mulheres, os laços e relacionamentos que eles construíram, foram essenciais para o Império, de tal forma que, sem eles, Temüjin não teria tido sucesso.

## REFERÊNCIAS

ALLSEN, Thomas T. **Culture and Conquest in Mongol Eurasia**. Ewig: Cambridge University, 2001.

ALLSEN, Thomas T. **Mongol imperialism**. The policies of the grand qan möngke in China, Russia, and the islamic lands, 1251-1259. Los Angeles; London: University of California Press, 1987.

AMITAI, Reuven; BIRAN, Michal. **Mongols, Turks, and others**: Eurasian nomads and the sedentary world. Leiden; Boston: Brill, 2005.

ATWOOD, Christopher P. **Encyclopedia of Mongolia and the Mongol Empire**. New York: Facts on File, 2004.

ATWOOD, Christopher P. Imperial itinerance and mobile pastoralism: The state and mobility in medieval inner Asia. **Inner Asia**, v. 17, n. 2, p. 293-349, 2015. Disponível em: [https://brill.com/view/journals/inas/17/2/article-p293\\_7.xml](https://brill.com/view/journals/inas/17/2/article-p293_7.xml). Acesso em: 22 de agosto de 2023.

ATWOOD, Christopher P. The date of the 'Secret History of the Mongols' reconsidered. **Journal of Song-Yuan Studies**, n. 37, p. 1-48, 2007. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23496277>. Acesso em 19 de dez. de 2023.

ATWOOD, Christopher P. The Sacrificed Brother in the" Secret History of the Mongols". **Mongolian Studies**, v. 30, p. 189-206, 2008. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43193541>. Acesso em: 09 de jan. de 2024.

ATWOOD, Christopher. **The Secret History of the Mongols**. London: Penguin Books, 2023.

BARBOSA, Elaine Senise. Gênghis Khan e as conquistas mongóis. In: MAGNOLI, Demétrio (org.). **História das guerras**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 131-162.

BIRAN, Michal. The Mongol Empire in World History: The State of the Field. **History Compass**, v. 11, n. 11, p. 1021-1033, 2013. Disponível em: <https://compass.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/hic3.12095>. Acesso em: 20 de mar. de 2023.

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. **As Escolas Históricas**. Tradução de Ana Rabaça. Portugal: Publicações Europa-América, 1983.

BORDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina (org). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998. pp. 183-191.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

BREITMAN, Richard. Hitler and Genghis Khan. **Journal of Contemporary History**, v. 25, n. 2, p. 337-351, 1990. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/002200949002500209>. Acesso em: 07 de jan. de 2024.

BROADBRIDGE, Anne F. **Women and the Making of the Mongol Empire**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

BROOK, Timothy. **The troubled empire: China in the Yuan and Ming dynasties**. Harvard University Press, 2010.

BUELL, Paul D. **Historical Dictionary of the Mongol World Empire**. Maryland: The Scarecrow Press, 2003.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: Limites discursivos do “sexo”**. São Paulo: n-1 edições; Crocodilo, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALVINO, Italo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARPINE, Giovanni da Pian del. **The story of the Mongols whom we call the Tatars**. Tradução de Erik Hildinger. Boston: Branden Publishing Company, 1996.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Tradução de Maria Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHENG, Anne. **História do Pensamento Chinês**. Tradução de Gentil Avelino Titton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CLEAVES, Francis Woodman. **The Secret History of the Mongols**. Cambridge: Massachusetts: Harvard University Press, 1982.

COLLING, Maria Ana; TEDESCHI, Losandro Antonio (orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. Dourado, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

COLLINS, Randall. **Violence: a micro-sociological theory**. New Jersey: Princeton University Press, 2008.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Revista Estudos Feministas, v. 21, n. 01, p. 241-282, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/B5NqQSY8JshhFkpgD88W4vz/>. Acesso em: 10 de jan. de 2024.

DA SILVA, José Mateus Barbosa. A representação dos mongóis em Alexander Nevsky de Sergei Eisenstein. **Cadernos de História UFPE**, n. 12, vol. 12, p. 171-189, 2017. Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernosdehistoriaufpe/article/viewFile/234821/29652>. Acesso em: 09 de jan. de 2024.

DA SILVA, José Mateus Barbosa. **Olhares sobre o “outro” na corte mongol:** relatos dos Frei Rubruck e Plano Carpini como subsídio para o ensino de história medieval da Ásia. Orientadora: Christine Paulette Yves Rufino Dabat. 2021. 75 f. TCC (Graduação) – Curso de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.

DE NICOLA, Bruno. Las mujeres mongolas en los siglos XII y XIII.: Un análisis sobre el rol de la madre y la esposa de Ghinggis Khan. **Acta historica et archaeologica mediaevalia**, v. 27-28, 2008. p. 37-63. Disponível em: <https://research-repository.st-andrews.ac.uk/handle/10023/5536>. Acesso em: 28 de jul. de 2022.

DE NICOLA, Bruno. **Women in Mongol Iran: The Kahtuns, 1206-1335.** Edinburgh: Edinburgh University Press, 2017.

DE RACHEWILTZ, Igor. Some Remarks on the Dating of the Secret History of the Mongols. **Monumenta Serica**, v. 24, n. 1, p. 185-206, 1965. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/02549948.1965.11744939>. Acesso em: 19 de dez. de 2023.

DE RACHEWILTZ, Igor. **The Secret History of the Mongols.** A Mongolian Epic Chronicle of the Thirteenth Century. Leiden; Boston: Brill, 2004.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador.** tradução de Ruy Jungman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ESPADA, Antonio García. **El Imperio Mongol.** Madrid: Editorial Sintesis, 2017.

FABIAN, Johannes. **O tempo e o outro:** como a antropologia estabelece seu objeto. Petrópolis: Editora Vozes, 2013. p. 39-70.

FAIRBANK, John King; GOLDMAN, Merle. **China: uma nova história.** Porto Alegre: L&PM Editores, 2006.

FAVEREAU, Marie. **The Horde:** how the mongols changed the world. Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University, 2021.

FAZULLAH, Rashiduddin. **Jami'u't-tawarikh:** Compendium of Chronicles. A History of the Mongols, Part One. Tradução de W. M. Thackston. Harvard: Harvard University, 1998.

FEBVRE, Lucien. **Combats pour l'Histoire.** Paris: A. Colin, 1965.

FOUCAULT, Michel. **Arqueología do Saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. A “Governamentalidade”. In: **Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber.** Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collége de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. p. 73-124.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

GE, Zhaoguang. **Here in ‘China’ I dwell: Reconstructing historical discourses of China for our time**. Leiden: Brill, 2017.

GERNET, Jacques. **Daily Life in China on the Eve of the Mongol Invasion, 1250-1276**. Tradução de H. M. Wright. Stanford; California: Stanford University Press, 1962.

GILMORE, David D. **Manhood in the making**: Cultural concepts of masculinity. Yale University Press, 1990.

GREGOLIN, Maria R. V. A análise do discurso: conceitos e aplicações. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 39, 1995, p.13-21, 1995. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/342f2cdf-a436-4479-85f7-c05d00664944>. Acesso em: 08 de fev. de 2024.

HALLIDAY, M. A. K. **The Language of the ‘Secret History of the Mongols’**. Oxford: Blackwell, 1959.

HORDA | Michaelis On-line, 2024. **Michaelis**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/horda/>. Acesso em: 10 de jan. de 2024.

HUNG, William. The transmission of the book known as The Secret History of the Mongols. **Harvard Journal of Asiatic Studies**, v. 14, n. 3/4, p. 433-492, 1951. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2718184>. Acesso em: 29 de jul. de 2023.

JACKSON, Peter. The Mongol Empire, 1986–1999. **Journal of Medieval History**, v. 26, n. 2, p. 189-210, 2000. Disponível em: [https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1016/S0304-4181\(99\)00016-0](https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1016/S0304-4181(99)00016-0). Acesso em: 20 de mar. de 2023.

JESUS, Cassiano Celestino de. **Corpos em chamas**: masculinidade e práticas sexuais desviantes no medievo ibérico. Aracaju: Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe – Edise, 2020.

JUVAINI. The History of the World Conqueror, volume 1. Tradução de John Andrew Boyle. Cambridge; Massachusetts: Harvard University Press, 1958.

KEEGAN, John. **Uma história da guerra.** Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KEEVAK, Michael. **Becoming yellow:** A short history of racial thinking. Princeton University Press, 2011.

KIM, Hodong. Was 'Da Yuan' a Chinese Dynasty?. **Journal of Song-Yuan Studies**, v. 45, p. 279-305, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/sys.2015.0007>. Acesso em: 19 de dez. de 2023.

KRAUSE, F. E. A.; SCHLIMMER, Norman. **Činggis Qan – Seine Biografie aus der chinesischen Reichs-Chronik Yuan Shi.** [s.l.], 2022.

KOMAROFF, Linda (ed.). **Beyond the legacy of Genghis Khan.** Leiden: Brill, 2012.

KOMAROFF, Linda; CARBONI, Stefano (ed.). **The legacy of Genghis Khan:** courtly art and culture in Western Asia, 1256-1353. New Haven; London: Yale University Press, 2002.

KROLL, Paul W. **A Student's Dictionary of Classical and Medieval Chinese.** Leiden; Boston: Brill, 2015.

LIMA, José Ivson Marques Ferreira de. “Irmãos que dividem uma vida”: disputas entre masculinidades hegemônicas na Guerra Mongol (1204-1206) a partir do História Secreta dos Mongóis. In: BUENO, André (org.). **Oriente 23: Estudos Asioindianos.** Rio de Janeiro: Proj. Orientalismo/UERJ, 2023. p. 32-38.

MAINIGUENEAU, Dominique. **Discurso e Análise do discurso.** São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAN, John. **Gêngis Khan:** a vida do guerreiro que virou mito. Tradução de Laura Alves e Aurélio Rebello. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

MARCHETTI, Gina. **Romance and the yellow peril:** race, sex and discursive strategies in Hollywood fiction. Barkeley: Los Angeles: Londres: University of California Press, 1993.

MARINHO, Iara Fernanda. ANÁLISE DO DISCURSO FRANCES: ALGUNS CONCEITOS FUNDAMENTAIS. **COLINEARES**, v. 6, n. 1, p. 35–45, 2019. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RCOL/article/view/1844>. Acesso em: 08 de fev. de 2024.

MAY, Timothy. **The Mongol Conquests in World History.** London: Reaktion Books, 2012.

MAY, Timothy (ed.). **The Mongol Empire: a historical encyclopedia. volume 1.** California: ABC-CLIO, 2017.

MAY, Timothy; HOPE, Michael (ed.). **The Mongol World.** London; New York: Routledge, 2022.

MEADE, Teresa A.; WIESNER-HANKS, Merry E. **A companion to gender history.** Oxford: Blackwell Publishing, 2008.

MESQUITA, Samila Silva. Caracterização da vida nas estepes mongóis no século XIII. **MYTHOS – Revista de História Antiga e Medieval**, v. 6, n. 2, 2019, p. 106-120. Disponível em: <https://www.calameo.com/read/0048634532dd5c9c9d898>. Acesso em: 09 de jan. de 2024.

MEYEROWITZ, Joanne. A History of “Gender”. **The American Historical Review**, v. 113, n. 5, 2008, p. 1346-1356. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/30223445>. Acesso em: 20 de dez. de 2023.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 32, n. 94, p. 1-18, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.17666/329402/2017>. Acesso em: 06 de jan. de 2024.

MORGAN, David. **The Mongols**. Oxford; Malden: Blackwell Publishing, 2007.

OKADA, Hidehiro. The Secret History of the Mongols, a pseudo-historical novel. **アジア・アフリカ言語文化研究** [Journal of Asian and African Studies], v. 5, p. 61-67, 1972. Disponível em: <https://tufs.repo.nii.ac.jp/record/1658/files/jaas005005.pdf>. Acesso em: 10 de jan. de 2024.

ONON, Urgunge. **The Secret History of the Mongols**. The Life and Times of Chinggis Khan. London; New York: RoutledgeCurzon Press, 2001.

PHILIPS, E. D. **Os Mongóis**. Lisboa: Editorial Verbo, 1971.

POW, Stephen. “nationes que se Tartaros appellant”: an Exploration of the historical problem of the usage of the ethnonyms Tatar and Mongol in medieval sources. **Золотоордынское обозрение**, n. 3, p. 545-567, 2019. Disponível em: <https://cyberleninka.ru/article/n/nationes-que-se-tartaros-appellant-an-exploration-of-the-historical-problem-of-the-usage-of-the-ethnonyms-tatar-and-mongol-in-medieval-sources>. Acesso em: 16 de dez. de 2023.

PERROT, Dominique; PREISWERK, Roy. **Etnocentrismo e Historia**: América Indígena, África y Asia en la visión distorsionada de la cultura occidental. México: Editorial Nueva Imagen, 1975.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: **A Colonialidade do Saber**: etnocentrismo e ciências sociais–Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: Clacso, p. 107-126, 2005. Disponível em: [edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7232729/mod\\_resource/content/1/Quijano.pdf](edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7232729/mod_resource/content/1/Quijano.pdf). Acesso em: 06 de jan. de 2024.

RAY, Larry. The Sociology of Violence. In: KORGEN, Kathleen Odell (Ed.). **The Cambridge Handbook of Sociology**, Volume 2: Specialty and Interdisciplinary Studies. Cambridge: University of Cambridge Press, 2017. p. 178-187.

- RAY, Larry. **Violence and Society**. London: Sage Publications, 2011.
- REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.
- ROSSABI, Morris. Kubhlai Khan and the Women in his family. In: **From Yuan to Modern China and Mongolia: The Writings of Morris Rossabi**. Leiden; Boston: Brill, 2014.
- ROSSABI, Morris. **The Mongols**. A Very Short Introduction. Nova Iorque: Oxford University Press, 2012.
- RUBRUCK, Friar William. **The Miission of Friar William of Rubruck**: His journey to the court of the Great Khan Möngke, 1253-1255. Tradução de Peter Jackson. London: The Hakluyt Society, 1990.
- RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**: teoria da história: fundamentos da ciência histórica. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- RUST, Leandro. **Os vikings**: narrativas da violência na Idade Média. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes, 2021.
- SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SAUNDERS, J. J. **The History of the Mongol Conquests**. New York: Barnes & Noble, 1971.
- SCALERCIO, Marcio. Os mongóis e o império dos arqueiros montados — o arco e o cavalo. In: DA SILVA, Francisco Carlos Teixeira; CABRAL, Ricardo; MUNHOZ, Sidnei (orgs.). **Impérios na História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. p. 107-116.
- SCHEFF, Thomas J. Hypermasculinity and violence as a social system. **UNIversitas: Journal of Research, Scholarship, and Creative Activity**, v. 2, n. 2, p. 1-10, 2006. Disponível em: <https://scholarworks.uni.edu/universitas/vol2/iss2/10/>. Acesso em: 09 de jan. de 2024.
- SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Cadernos de História UFPE**, v. 11, n. 11, 2016. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Disponível em:  
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernosdehistoriaufpe/article/view/109975/21914>. Acesso em: 27 de jul de 2022.
- SCOTT, Joan W. Gender: still a useful category of analysis?. **Diogenes**, v. 57, n. 1, p. 7-14, 2010. Disponível em:  
<https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0392192110369316>. Acesso em 26 de maio de 2023.

- SNEATH, David. **The headless state**: aristocratic orders, kinship society, and misrepresentations of nomadic Inner Asia. New York: Columbia University Press, 2007.
- STUART, Kevin C. **Mongols in Western/American Consciousness**. Lewiston: Queenston: Lampeter: The Edwin Meller Press, 1997.
- TERBISH, Baasanjav. **Sex in the land of Genghis Khan**: from the Times of the Great Conqueror to Today. London: Rowman & Littlefield, 2023.
- TOLSON, Andrew. **The Limits of Masculinity**. Male Identity and Women's Liberation. New York: Harper & Row, 1977.
- TSAI, Wei-chieh. Ethnic Riots and Violence in the Mongol Empire: A Comparative Perspective. **Mongolian Studies**, v. 33, p. 83-107, 2011. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43194561>. Acesso em: 09 de jan. de 2024.
- TSAI, Wei-chieh. The Current Trends of Mongolian Studies in the USA. **Mongolian and Tibetan Quarterly**, v. 21, n. 3, 2012. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/49642638/0027.pdf>. Acesso em: 20 de mar de 2023.
- TWITCHETT, Denis; FRANKE, Herbert. (Ed.) **The Cambridge History of China, volume 6**. Alien regimes and border states, 907-1368. New York: Cambridge University Press, 1994.
- WALEY, Arthur. **The Secret History of the Mongols**: And Other Pieces. London: George Allen & Unwin, Ltd., 1963.
- WALBY, Sylvia. Violence and society: Introduction to an emerging field of sociology. **Current sociology**, v. 61, n. 2, p. 95-111, 2013. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0011392112456478>. Acesso em 06 de jan. de 2024.
- WEATHERFORD, Jack. **The secret history of the Mongol queens**: How the daughters of Genghis Khan rescued his empire. New York: Crown, 2010.
- WEATHERFORD, J. McIver. **Gengis Khan e a formação do mundo moderno**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- WEBER, Max. A Política como vocação. In: **Ciência e Política**: duas vocações. 20<sup>a</sup> edição. Tradução de Leonidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 2013. p. 55-124.
- WEBER, Max. **Ensaios de Sociologia**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1982. p. 283-291; 302-305.
- WIESNER-HANKS, Merry E. **Gender in history**: global perspectives. Oxford: Blackwell Publishing, 2011.

WORRINGER, Renée. Shepherd's enemy or Aşina, Böri, Börte činō, and Bozkurt?: Wolf as menace, wolf as mythical. **Society & Animals**, v. 24, n. 6, p. 556-573, 2016. Disponível em: [https://brill.com/view/journals/soan/24/6/article-p556\\_3.xml](https://brill.com/view/journals/soan/24/6/article-p556_3.xml). Acesso em 14 de julho de 2023.

ZHAO, George Q. **Marriage as a political strategy and cultural expression:** Mongolian royal marriages from world empire to Yuan Dynasty. New York: Peter Lang, 2008.